

Com a Vinda da "American Can" AMEAÇADA A INDÚSTRIA NACIONAL DE LATARIA

TEXTO NA 3ª PÁGINA

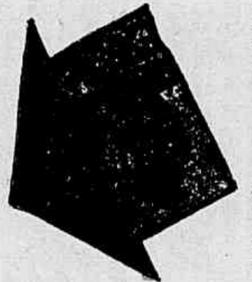
40º ANIVERSÁRIO DO EXÉRCITO E MARINHA VERMELHOS

VOZ OPERÁRIA

Nº 455 ☆ Rio de Janeiro, 22 de Fevereiro de 1958 ☆



Neste Número



A Vanguarda Política de que Necessita o Proletariado Brasileiro Editorial — na 3a. página

Eleições Gerais na Argentina — Crônica Internacional — na segunda página

Aumentaram Sete Vêzes os Negócios Entre o Brasil e a Tchecoslováquia — Report. na 12a. página

O III Congresso Nacional de Professôres Primários — Reportagem na Décima Página

O Exemplo de Santo André: AS MASSAS ORGANIZADAS OBTÊM VITÓRIAS - Rep. na 9a. pág.

Criaram-se Novas Condições e Possibilidades Mais Favoráveis Para Que o Brasil Realize Uma

Política Consequentemente Independente — Artigo de Luiz Telles (Conclusão do núm. anterior)

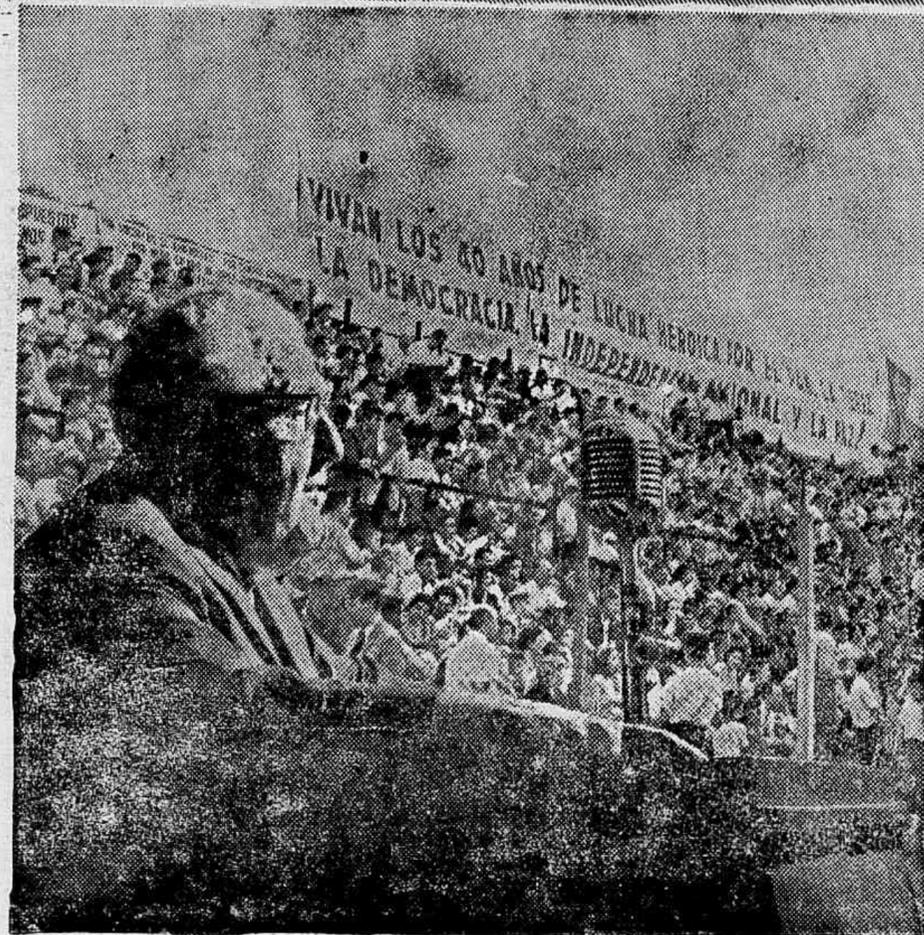


Sera comemorado durante o mês de fevereiro, em todo o território soviético, o 40º aniversário do Exército e da Marinha Vermelhos. Os festejos se realizam por toda a parte, com grande entusiasmo.

Vemos no clichê: em cima — grupo de soldados de uma sub-divisão, aproveitando as horas de lazer para dançar e cantar; em baixo, uma fotografia histórica — a bandeira soviética sendo içada no Reichstag alemão, em 1945, fato que marcou a grande vitória dos Exércitos Soviéticos sobre as tropas fascistas de Hitler.

Sobre Algumas Questões da Situação Internacional

(Por N. S. Kruschiov, na 5a. Página)



Quarenta anos de lutas pela paz e pela independência nacional. Numa grandiosa festa popular realizada no Estádio de Atlanta, em Buenos Aires, o povo comemorou, entusiásticamente, o 40º aniversário de fundação do Partido Comunista da Argentina. Vitória Codovilla quando dirigia a palavra aos milhares de manifestantes. (Reportagem na página Central)

PREÇO do Exemplo 3,00

Continua o Conflito Franco-Tunisino

PROSSEGUEM AS MEDIDAS DO GOVERNO TUNISINO CONTRA OS IMPERIALISTAS FRANCESES

Sob intensa pressão das massas populares, prosseguem as medidas do governo da Tunísia em represália à agressão das tropas francesas à aldeia Sakiet. Continuam cercados por forças tunisinas todos os quartéis das forças francesas estacionadas no país, inclusive a base militar e naval de Bizerta. Os navios de guerra franceses, que se encontram neste porto foram autorizados a se retirarem do mesmo, mas nenhuma frota de naval francesa poderá nele penetrar. O governo da Tunísia, após ter pedido ao governo francês a supressão dos seis consulados que mantem no país, acaba de declarar «persona non grata» os respectivos cônsules.

Do lado dessas medidas internas, a ação externa de Bourguiba continua vacilante. O presidente da Tunísia, oscilando entre as exigências de seu povo e os compromissos que ainda mantém com o imperialismo norte-americano ao mesmo tempo que anuncia que irá submeter ao Conselho de Segurança da ONU a questão do bombardeio de Sakiet, evita marcar a data correspondente, e solicita a «mediação» dos Estados Unidos, acompanhada de «bons ofícios» da Inglaterra. E ao mesmo tempo que proíbe à França a utilização da base naval de Bizerta, oferece-a publicamente à OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte).

Não essa sendo no entanto fácil a Bourguiba manter-se nessa política dúbia, o imperialismo francês, sentindo a condenação mundial à

agressão a Sakiet, e temeroso de uma discussão na ONU, apressou-se a aceitar a idéia da «mediação» norte-americana, apesar de serem evidentes os intuídos norte-americanos de «preencher o vazio» na Tunísia. Acaba no entanto de falhar a tentativa segundo o noticiário das agências telegráficas: Bourguiba, inclinando-se cada vez mais para atender aos problemas do povo tunisino, impôs como condição prévia a imediata retra-

da de todas as forças francesas e a devolução da base de Bizerta, condição esta inaceitável para os imperialistas franceses que se veriam assim definitivamente desalojados de uma importante posição na África do Norte. O fato de ainda existirem tropas francesas estacionadas na Tunísia, apesar de já ter este país conquistado sua independência política, deve-se a um acordo militar provisório, im-

posto à jovem nação africana a pretexto de «defendê-la».

Ao passo que assim se desenvolve o conflito franco-tunisino, os colonialistas franceses, em desespero crescente, intensificam ainda mais as chacinas de árabes na Argélia. Segundo as agências telegráficas o número de argelinos assassinados pelas tropas francesas atingiu o máximo nos últimos meses no dia 17 do corrente: mais de 1.000 vítimas em um só dia.

«UNIÃO DOS MONARCAS» ENTRE A JORDÂNIA E O IRAQUE

Obedecendo aos «conselhos» da diplomacia norte-americana, e com o intuito proclamado de «responder» à criação da República Árabe Unificada, os reis Husseim da Jordânia, e Faisal, do Iraque, decidiram, em tratado firmado a 14 do corrente, estabelecer uma «união federal de países», já apelidada pelos comentaristas políticos de «união de monarcas». Contra que os sultões de Bahrein e Kuwait, que são simples dependências dos Estados do petróleo, estavam neste momento sua adesão à união de monarcas, mas o rei Saud, da Arábia Saudita, já declarou que não participará da mesma.

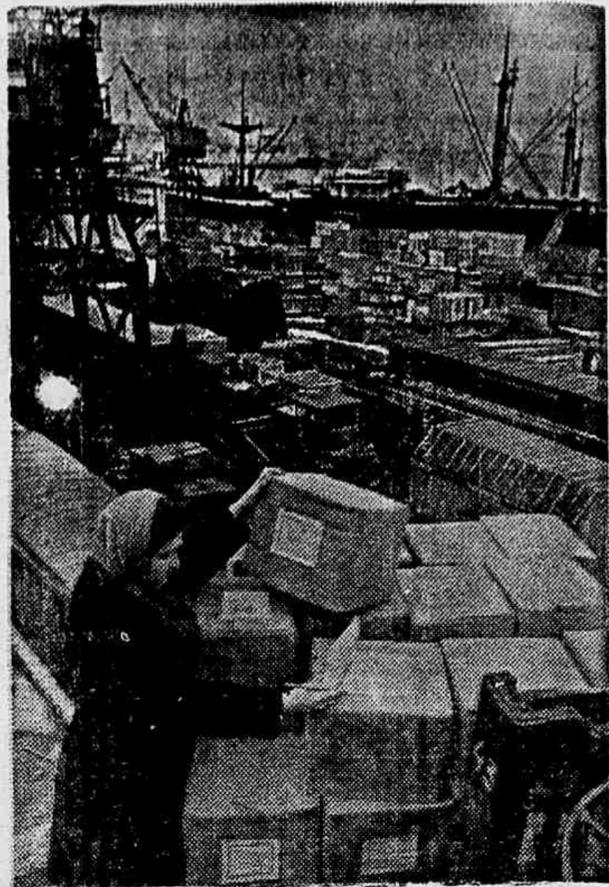
Faisal e Husseim são primos irmãos, e ambos têm 22 anos de idade. São filhos respectivamente de Faisal I e Abdullah, os dois irmãos «afincantados» transformados em reis pelo famoso coronel Lawrence, agente do imperialismo britânico, logo após a queda do império otomano, durante a I guerra mundial. Ambos dependem agora da imperialismo norte-americano, do qual recebem ajuda financeira permanente. O Iraque é membro do Pacto de Bagdad.

A Jordânia passou por um breve período de ascenso democrático, após a expulsão do agente britânico Glub Pachá, que comandava o seu exército, mas atualmente é dominada pelas forças mais reacionárias, em consequência de um golpe de estado preparado pelos Estados Unidos, dentro do quadro da «doutrina Eisenhower», e que contou com a ajuda do rei Husseim.

Os termos do tratado que constituiu a «união dos monarcas» revelam que não foram eliminadas algumas contradições sérias entre os dois governos, e põem a nu a artificialidade e a fragilidade da nova federação. O rei Husseim não conseguiu convencer seu primo Faisal a retirar o Iraque do Pacto de Bagdad, como havia prometido, numa tentativa de diminuir a oposição popular à sua política. Continuará o Iraque como membro do pacto de Bagdad, e a Jordânia fora do mesmo. Além disso, ao contrário da

República Árabe Unificada, foi constituída na base de um governo central único, e de um só Estado compreendendo duas províncias autônomas — o Egito e a Síria, — a União Jordano-Iraqueana manterá a existência dos dois troncos, reconhecida no entanto a «maior antiguidade» de Faisal como monarca. Husseim não conseguiu fazer vigorosa a sua proposta de um revezamento anual dos dois tronos num trono único.

Como se vê, a «união dos monarcas» representa mais uma maquinação do imperialismo norte-americano contra o crescente e vitalioso movimento de libertação nacional dos povos árabes. Como «resposta» à vigorosa unidade sírio-egípcia, concretizada na constituição da República Árabe Unificada, a «união dos monarcas» inicia no entanto seus passos com muito pouco firmeza, estigmatizada como instrumento de tração à causa da independência e do progresso de todos os países do Oriente Próximo e Médio.



Recentemente, o Comitê Executivo da Cruz Vermelha e das Sociedades Benéficas Vermeilhas, decidiu tomar parte ativa na ajuda aos refugiados de guerra no Marrocos e na Tunísia, que escaparam aos horrores da guerra na Argélia.

No clichê, preparativos para o embarque de alimentos.

Prosseguem as Provocações Imperialistas na Indonésia

Continuam a desenvolver-se na região central de Sumatra as intrigas fomentadas pelo imperialismo, a fim de ali criar um pretense governo autônomo, em oposição ao governo central, que funciona em Djakarta, na ilha de Java, capital da Indonésia, sob a chancela do presidente constitucional Sukarno. O pretexto é o anti-comunismo, mas a realidade é que o grupo «rebeles» de Sumatra não passa de um simples bando reacionário com o intuito de qual o imperialismo holandês e o imperialismo norte-americano pretendem barrar a marcha do povo indonésio para a consolidação de sua soberania política e conquista da plena e efetiva independência econômica.

O núcleo principal desse bando reacionário e um grupo de oficiais do exército que se autointitulam «jovens coronéis», chefiado pelo coronel Hussein, comandante do distrito militar de Sumatra Central. A esses oficiais se juntam alguns elementos do partido burguês reacionário Masjumi, entre os quais o ex-primeiro ministro Mararap. Logo após o anúncio de um «ultimatum», que seria enviado a Sukarno pelos «jovens coronéis», verificou-se no entanto que todos os comandantes dos demais distritos militares, não só da ilha Sumatra, como das outras regiões, do país, enviaram sua solidariedade ao primeiro ministro Djuidana, o que evidenciou o isolamento do coronel Hussein e seus seguidores. Essa solidariedade veio completar o apoio manifestado poucos dias antes pelos partidos Nacionalista, Comunista, e Nandatul Ulama (partido muçulmano progressista), e pelas organizações democráticas e populares.

Um emissário dos «jovens coronéis» ao anunciar, nas Filipinas, a constituição do «novo governo revolucionário de Sumatra», foi vaiado, nos gritos de «traidor» por numeroso grupo de estudantes, que invadiram o recinto do «Clube de Imprensa» de Manilha.

A íntima ligação da tentativa de golpe em Sumatra com o imperialismo norte-americano ficou evidente com as declarações feitas há poucos dias por Foster Dulles, segundo as quais o atual governo da Indonésia não representaria a «vontade popular», declarações estas de tamanha gravidade que mereceram imediato protesto por parte do ministro de Exterior da Indonésia, sr. Subandrio. Além do conteúdo das declarações do emissário enviado a Manilha, ao qual já nos referimos, desmascarou o objetivo visado pelo imperialismo norte-americano: constituir um governo fantoche que seria depois reconhecido pelas potências ocidentais como o «governo legítimo» da Indonésia. O jovem coronel anunciou, naquela ocasião, que o «governo revolucionário de Sumatra» «solicitará o imediato reconhecimento por parte das nações democráticas».

Outros telegramas das agências de notícias norte-americanas revelam que o novo «governo de Sumatra» já teria proclamado sua disposição de dar novas concessões petrolíferas às companhias estrangeiras e de adotar medidas de estímulo às «inversões estrangeiras» na Indonésia.

Como se vê a tentativa de novo golpe imperialista na Indonésia apresenta aspectos de certa gravidade, mas as notícias mais recentes revelam que já está sendo debelada, graças à ação vigorosa do governo e dos patriotas indonésios.

A unidade e permanente vigiância de todas as correntes patrióticas e progressistas da Indonésia são sem dúvida suficientemente fortes para impor nova derrota aos imperialistas e seus agentes. A solidariedade dos demais povos do povo da Indonésia não deverá faltar, nesta emergência, através de manifestações que façam sentir dos imperialistas a repulsa mundial às suas maquinações contra a jovem república asiática.

Crônica Internacional

Eleições Gerais na Argentina

Após terem registrado um candidato próprio ao cargo de presidente da República, — Rodolfo Ghioldi, — e reafirmado assim em toda a sua plenitude o seu direito a participar das eleições em pé de igualdade com os demais partidos políticos, decidiram os comunistas argentinos retirar essa candidatura e apoiar Arturo Frondizi, dirigente máximo da União Cívica Radical Intransigente. Outros doze candidatos irão concorrer ao pleito, como Ricardo Balbín, da União Cívica Radical do Povo, ligado ao governo Aramburu, e principal concorrente de Frondizi; Alfredo Palacios, socialista; Luciano Molinas, democrata-progres-

A decisão do Partido Comunista da Argentina obedece à «linha de entendimento democrático», adotada pelo partido, e consubstanciada nos 5 seguintes pontos: — defesa das riquezas nacionais; — garantias efetivas dos direitos dos trabalhadores; — estabilização dos camponeses na terra; — estabelecimento dos mais amplos direitos democráticos; — política exterior independente. Constatando que, apesar da «crescente combatividade e elevação da consciência política da classe operária e do povo», a democracia argentina continua dispersa e dividida; e não tendo sido possível a formação de uma coalizão que apresentasse uma fórmula presidencial democrática única, decidiu o Partido Comunista da Argentina, em sua Convenção Nacional, votar pela fórmula presidencial daquele partido que desse mais garantias de estabelecer liberdades democráticas para todos os argentinos, de defender a independência econômica e política do país, de impulsionar o progresso da nação e o bem-estar do povo, e de renunciar uma política exterior independente, de coexistência pacífica e de apoio às iniciativas de paz que surjam das nações amantes da paz. Vemos, pelo noticiário mais recente, que a escolha recaiu no candidato da União Cívica Radical Intransigente. Os comunistas e os democratas em geral acompanharam no Brasil, com o maior interesse, o desenrolar das eleições gerais argentinas, formulando votos para que elas representem mais uma etapa importante na marcha do povo argentino para o progresso e a plena independência nacional.

Após terem registrado um candidato próprio ao cargo de presidente da República, — Rodolfo Ghioldi, — e reafirmado assim em toda a sua plenitude o seu direito a participar das eleições em pé de igualdade com os demais partidos políticos, decidiram os comunistas argentinos retirar essa candidatura e apoiar Arturo Frondizi, dirigente máximo da União Cívica Radical Intransigente. Outros doze candidatos irão concorrer ao pleito, como Ricardo Balbín, da União Cívica Radical do Povo, ligado ao governo Aramburu, e principal concorrente de Frondizi; Alfredo Palacios, socialista; Luciano Molinas, democrata-progres-

A CLASSE operária vem desempenhando um papel de crescente importância no cenário nacional, que as outras classes e os círculos dominantes de país são obrigados a levar cada vez mais em conta.

O CRESCIMENTO da importância do proletariado deriva de inelutáveis fatores objetivos. A medida que se desenvolve o capitalismo dentro do país, cresce inevitavelmente o número de operários. De cerca de oitocentos mil que eram em 1940, os operários industriais já somam hoje cerca de dois milhões. No mesmo período, enquanto a população em geral aumentou em menos de 50%, o proletariado aumentou em 150%. A par disto, embora continue a existir no país enorme quantidade de pequenas e médias empresas, eleva-se constantemente a percentagem de operários que trabalham em grandes fábricas e usinas. Este processo de concentração é outro fator, que contribui poderosamente para fortalecer as posições do proletariado.

O CRESCENTE papel do proletariado se manifesta no ascenso do movimento sindical. Este vem obtendo notáveis vitórias no sentido da sua unidade e organização, inclusive em escala nacional. Expressivo exemplo é o da conferência interestadual recentemente realizada em São Paulo e que reuniu dirigentes sindicais dos Estados de maior concentração industrial, deliberan-

A VANGUARDA POLITICA DE QUE NECESITA O PROLETARIADO BRASILEIRO

do lançar uma campanha nacional pela revisão do salário mínimo, pela aprovação imediata da nova lei de previdência social e pela revogação do decreto antigreves 9.070. Através das confederações e federações, dos pactos intersindicais e de outras formas de acordo, os trabalhadores vão forjando a sua unidade de ação e de organização, elevando cada vez mais o nível de sua unidade.

ENFRENTANDO a carestia da vida, que constantemente reduz o valor real dos salários, os trabalhadores têm realizado vitoriosos movimentos reivindicativos, que diversas vezes culminaram em grandiosas greves. Nesses movimentos, os trabalhadores associam a luta reivindicativa à defesa energética dos seus direitos sindicais e das liberdades democráticas.

O CRESCENTE papel do proletariado se manifesta igualmente no plano político. Os trabalhadores apóiam resolutamente o movimento nacionalista, do qual já participam numerosos sindicatos e os partidos políticos de base operária. Nas eleições, os trabalhadores têm influído decisivamente para

a vitória dos candidatos que tomam posição pela independência nacional, pela democracia e pelos interesses das massas. Os trabalhadores figuram entre os combatentes mais ativos pelas liberdades democráticas, que lhes são indispensáveis para uma ação independente de classe, tanto no terreno da resistência à exploração patronal como no terreno das questões políticas.

O PROLETARIADO brasileiro necessita de uma vanguarda marxista-leninista, organizada e combativa. A existência do Partido Comunista decorre de uma necessidade histórica. A criação do PCB resultou de processos objetivos e subjetivos genuinamente nacionais, que amadureceram sob a influência irresistível da grande Revolução Socialista de Outubro. Defender intransigentemente a existência do PCB é, por conseguinte, um dever para todos aqueles que se colocam do ponto de vista do proletariado consciente.

A IMPORTANCIA crescente do proletariado na vida nacional exige, porém, que a sua vanguarda de classe seja não uma

seita, mas um partido de massas, ligado às massas e dirigente das massas. As seitas utópicas ou os partidos de predominante função propagandista são próprios das fases mais atrasadas do movimento operário. Nas condições atuais do movimento operário brasileiro e na época em que o socialismo triunfa sobre grande parte do globo, é cada vez mais necessário um partido comunista fundamentalmente de ação política, que atue integrado no movimento político corrente e real. Isto impõe ao partido comunista saber lutar pelos objetivos finais da classe operária através da ação política diária, das lutas exigidas pela realidade objetiva presente, dos fatos políticos concretos. Isto significa, em suma, toda uma nova política, que rompa resolutamente com o longo domínio do subjetivismo de tipo dogmático.

O Partido deve se reconstruir no espírito desta nova política, para ser o instrumento capaz de aplicá-la. Uma profunda reeducação de dirigentes e militantes, é indispensável para erradicar as concepções sectárias na teoria e na política, o estilo sectário na vida interna do Partido, os métodos sectários do trabalho de massas. É esta, sem dúvida, uma tarefa difícil, mas indispensável, para erguer o nosso Partido à altura daquelas exigências, que o crescimento do proletariado brasileiro torna inadiáveis.

COM A VINDA DA «AMERICAN CAN»

Ameaçada a Indústria Nacional de Lataria

Cedeu a SUMOC à Pressão do Imperialismo Norte-Americano — O que é o Truste Ianque — A Instrução 113 Concede Privilégios Cambiais ao Capital Estrangeiro, Abrindo Caminho à Desnacionalização da Indústria Brasileira — Justos Protestos de Industriais e Trabalhadores

EM SUA REUNIAO de 7 de corrente, a Superintendência da Moeda e do Crédito — SUMOC — aprovou a licença solicitada pelo poderoso truste ianque American Can Corporation para a importação, sem cobertura cambial, de máquinas e equipamentos destinados à instalação em São Paulo, de uma fábrica de estamparia.

Essa decisão da SUMOC representa um profundo golpe vibrado contra a indústria nacional de latarias de metais, pondo em risco a existência de algumas dezenas de fábricas que há muito operam no mercado brasileiro.

A FICHA DO TRUSTE

A American Can Corporation faz parte do grupo econômico Morgan, ao qual também pertencem a General Electric, a International Telegraph and Telegram (ITT), a Bond and Share e muitos outros trustes espalhados pelo mundo. A General Motors, maior corporação fabril dos E.E.U.U., também é ligada ao grupo Morgan.

Os dois mais poderosos grupos econômicos dos Estados Unidos, Morgan e Rockefeller, são associados em diversos trustes, como por exemplo, na Texas Company, empresa petrolífera que opera no Brasil. O sr. Charles Wilson, ex-secretário da defesa dos Estados Unidos, é grande acionista do grupo Morgan, e foi presidente da General Electric.

A American Can Co. é o maior truste de estamparia do mundo. Detém cerca de 90% dos investimentos da indústria de lataria nos Estados Unidos, e sua produção atende a 50% do consumo de latas de metais daquele país. Junto com a Continental Can, outro poderoso truste de estamparia ao qual está estreitamente vinculada. A American Can atende a mais de 80% do mercado consumidor norte-americano.

Há quase dois anos que a American Can Co. vem realizando uma campanha sistemática de desmoralização da indústria nacional de estamparia, e fazendo toda sorte de pressão sobre o governo, a fim de obter a licença que agora lhe foi concedida. Para colimar os seus objetivos, incorporou a Canco S.A. e assumiu o controle da Metalúrgica Elva, na capital paulista, e adquiriu também a Estamparia Colombo e a Estamparia Real, ambas no Distrito Federal.

A pressão sobre o governo para a concessão daquela licença não partiu, no entanto, apenas da American Can. A Standard Oil assim como as outras empresa petrolíferas

que operam no Brasil, deram a sua ajudazinha. Liquidando com a indústria nacional de estamparia, ou submetendo-a ao controle do truste American Can, aquelas empresas petrolíferas alcançariam duplo objetivo: deixariam de depender das fábricas nacionais para se abastecer da lataria necessária ao acondicionamento da gasolina, óleo e outros produtos de petróleo, que por lei são obrigados a acondicionar no país, e poderiam criar dificuldades à Petrobrás em seu abastecimento do vasilhame destinado ao mesmo fim. Da mesma forma, as empresas americanas de alimentos enlatados, como a Swift, Armour e Wilson, gran-

des consumidores de lataria de metal, têm interesse na vinda da American Can para o Brasil.

Não se originou, porém, dessas empresas, toda a pressão que conseguiu quebrar a resistência à concessão daquela licença. O próprio governo dos Estados Unidos exigiu do governo brasileiro uma solução favorável à American Can. Dessa solução favorável denunciou o dep. Nelson Omagna, da tribuna da Câmara, dependia o êxito dos entendimentos que o governo brasileiro estava realizando para a obtenção de empréstimos de 100 milhões de dólares, nos E.E.U.U.. A recente viagem do embaixador Amaral Peixoto teve como objetivo transmitir ao governo brasileiro, as «recomendações» do Departamento de Estado norte-americano, a fim de que a SUMOC solucionasse imediatamente, de maneira favorável, o pedido da American Can Corporation.

Essa odiosa interferência dos Estados Unidos nos negócios internos de nosso país foi tão aberta, que o próprio governo não pôde ocultá-la. O ministro José Maria Alkmin, enviou a São Paulo o sr. Sebastião Paes de Almeida, presidente do Banco do Brasil, a fim de transmitir aos industriais paulistas que não lhe foi mais possível protelar a concessão daquela licença, «porque a pressão era muito forte». Essa, a expressão textual usada por aquele emissário, e reproduzida pelo sr. José Vilela de Andrade Jr., presidente do Sindicato da Indústria de Estamparia de São Paulo, e vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria, em reunião à qual compareceram mais de 50 industriais diretamente interes-

sados na indústria de lataria de metal do país, e atingidos pela decisão antinacional da SUMOC.

A indústria nacional de estamparia foi criada há mais de trinta anos, e conta atualmente com cerca de quarenta empresas. Essas fábricas, fundadas por capitalistas brasileiros sem nenhum favor oficial, vêm trabalhando em regime competitivo, uma vez que a sua capacidade de produção está muito acima das necessidades atuais do mercado consumidor. Em média, a indústria nacional de lataria de metal trabalha com apenas 40% de sua real capacidade. É uma indústria tecnicamente desenvolvida, e a indústria mecânica do país está em condições de atender às suas necessidades de equipamentos e máquinas.

Trabalhando em regime muito inferior à sua capacidade, essas empresas enfrentam várias dificuldades — regime deficitário, deficiência

e elevado preço da matéria prima (a produção nacional de folhas de flandres não atende à demanda do mercado consumidor).

As mais importantes empresas do ramo estão localizadas em São Paulo. São elas: Metalúrgica Matarazzo S.A. (cuja produção representa 40 por cento de todo o Estado), Metalúrgica Prada S.A., Metalúrgica Giorgi S.A., Fábrica de Latas Americana S.A., Cia. Metalúrgica Paulista S.A. e Metalúrgica Brasileira S.A. No Distrito Federal podemos citar: Metalgráfrica S.A. (do grupo Matarazzo), Estamparia Colombo, Estamparia Vitória, Erwin & Wigant. Todas essas empresas estão ameaçadas em sua própria existência, pois nenhuma delas está em condições de oferecer concorrência vantajosa ao poderoso truste norte-americano. As que não forem li-

quidadas ou passarem para o controle da American Can, terão que abandonar o ramo e dedicar-se a outro setor da economia brasileira, deixando assim o campo livre para a atuação monopolística do truste norte-americano de latarias de metal.

A transferência, portanto, de máquinas e equipamentos da American Can para o Brasil, nenhum benefício trará à economia nacional. São máquinas e equipamentos usados, e que nenhuma melhoria de ordem técnica representam com relação à indústria similar nacional. Na realidade, a concretização da ato da SUMOC representará tremendo golpe na indústria nacional de estamparia. Primeiro, viria criar dificuldades às empresas nacionais em seu abastecimento de matéria prima. As folhas de Flandres são fornecidas em regime contingenciado, e tratando-se de empresa tão poderosa, está claro que ela conseguiria prioridade para seu abastecimento. Segundo, as atividades da American Can, no Brasil, determinaria inevitavelmente, o fechamento de numerosas empresas brasileiras, jogando ao desemprego milhares de trabalhadores. Terceiro, viria também contribuir para maior desequilíbrio de nossa balança de pagamentos, uma vez que as subsidiárias daquele truste passariam, todos os anos, a enviar os seus lucros para os Estados Unidos.

A decisão da SUMOC, permitindo a instalação da American Can no Brasil, não é um fato isolado na política oficial com relação aos investimentos estrangeiros em nossa pátria. É apenas, mais um elo em toda uma cadeia que está a pôr em perigo o desenvolvimento independente da economia nacional. Nesses dois anos de governo do sr. Juscelino Kubitschek, dezenas e dezenas de empresas estrangeiras foram autorizadas a se transferir para o Brasil, nos termos anti-nacionais da Instrução 113. Graças a isto, vários grupos econômicos alienígenas, particularmente notavelmente importantes setores da indústria nacional. Exemplos: a empresa americana McCrea-

ry Machine Workes assumiu o controle da firma Ribeiro da Silva, Indústria e Comércio de São Paulo; subscrivendo o seu aumento de capital de 2,5 milhões para 12 milhões de cruzeiros; outra firma americana, a Southern Dyestuff Co., assumiu o controle da Naereli S.A. Indústrias Químicas; The Lanson & Sessions, de Ohio, montará uma fábrica no Brasil, com capital de 350 mil dólares, para produzir porcas e parafusos, quando aqui já existem mais de uma dezena de empresas similares nacionais, que trabalham em regime de superprodução; em setembro do ano passado, a SUMOC concedeu licenças nos termos da Instrução 113 a mais de duas dezenas de empresas estrangeiras, entre as quais dez norte-americanas, para fazerem investimentos no Brasil no valor global de 12 milhões de dólares, atingindo desta forma a direção passou às mãos de capitalistas alienígenas.

A decisão da SUMOC, com relação à American Can, provocou energicos protestos de muitas várias empresas nacionais, círculos industriais e trabalhistas brasileiros. O Sindicato da Indústria de Estamparia, a Federação e o Centro das Indústrias de S. Paulo fizeram sentir junto às autoridades, o seu repúdio à vinda do truste norte-americano de lataria para o Brasil. Da mesma forma, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, o presidente do Pacto de Unidades Intersindical dos trabalhadores paulistas, vários industriais e líderes sindicais também manifestaram o seu protesto contra uma decisão que consideram contrária aos interesses da indústria nacional, ao desenvolvimento independente de nossa economia. Unem-se, assim, patrões e empregados, contra uma falha política de investimentos que vem sendo posta em prática pelo sr. Juscelino Kubitschek, e pela imediata anulação da Instrução 113 da SUMOC, cuja aplicação permite a desnacionalização gradativa da indústria brasileira, como justamente denunciaram, em nota oficial, a Federação e o Centro das Indústrias de São Paulo.

Criaram-se Novas Condições e Possibilidades Mais Favoráveis Para Que o Brasil Realize Uma Política Consequentemente Independente

Luiz TELLES

(Conclusão do número anterior)

Sabemos que o crédito e os empréstimos são uma das formas de exportação do capital. O volume dos empréstimos ao Brasil do Banco Internacional e do Export Import Bank atingiu, no início de 1.955, a 860.000.000 de dólares. Esses empréstimos, em grande parte, se destinaram ao pagamento dos atrasados comerciais, constituindo, portanto, dinheiro que não saiu dos Estados Unidos e que foi diretamente das mãos dos bancos para as dos credores americanos. Outros empréstimos se destinaram a orientar os investimentos oficiais do governo no sentido de atender os interesses dos trustes e do governo americano. O empréstimo a Companhia Vale do Rio Doce, por exemplo, foi ligado ao fornecimento de material de ferro ao truste do aço «United States Steel». Os empréstimos aprovados então pela Comissão de Empréstimos e Investimentos tinham em vista reaparelhar algumas estradas de ferro, portos, etc., afim de melhorar o transporte para os Estados Unidos de minérios em geral. O Export Import Bank concedeu um empréstimo de 12.000.000 de dólares à «Companhia de Energia Elétrica de Paulo Afonso», em resultado do qual, a distribuição de toda a energia elétrica produzida foi dada pelo governo em concessão para a Bond and Share. O grupo Light, que controla a produção e distribuição de energia elétrica nos dois maiores centros industriais do país, recebeu do Export Import Bank novo empréstimo de 90.000.000 de dólares. A particularidade desse empréstimo consiste em que foi feito sob fiança do ouro brasileiro depositado nos Estados Unidos.

Os americanos controlam grande parte da produção agrícola do país, através do monopólio no comércio exterior. Basta dizer que as empresas «American Coffee», «Leon Israel», «Anderson Clayton», «La Domus» e a «Naumann Geep», monopolizam o grosso das exportações de café brasileiro que é a principal fonte de divisas do país. Firmas norte-americanas controlam grande parte do comércio, do beneficiamento e da exportação de algodão. Em 1.947, em São Paulo, 7 empresas estrangeiras tinham 80 usinas e beneficiavam 57% da produção. Destas, só a Sombra e a Anderson Clayton beneficiavam 48%. Possuindo recursos ilimitados, essas empresas manobram à vontade com as cotações da bolsa. Normalmente elevam os preços às vésperas do plantio, para «Estimular» a cultura, e os fazem baixar por ocasião da safra. O mesmo acontece com a carne e com outros produtos.

Os preços de nossos produtos de exportação são impostos pelos monopólios lanques e mantidos, em geral, abaixo do valor real dos produtos. De outro lado, os americanos nos vendem a preços de monopólio, a preços que estão acima do valor real dos produtos. O transporte das mercadorias, exportadas ou importadas, é realizada em grande parte pelos navios americanos e que sobrecarrega o custo de nossas importações. Exemplo: Em 1.945 pagamos às companhias americanas fretes marítimos que significaram 26,23% a mais do valor das mercadorias e, em 1.952, o total das mercadorias importadas pelo Brasil, partiram dos portos americanos tendo um valor de 31.736.604 mil cruzeiros e desembarcaram nos portos nacionais com um valor de 37.178.622 mil cruzeiros. Uma diferença, portanto, de mais 5.442.018 mil cruzeiros, que foram pagos como frete. Vitor Perlot, em seu trabalho «American Imperialism» diz: «Em 1.948, o Brasil teve que pagar 96 milhões de dólares pelo transporte, seguros e outras despesas correlatas sobre as mercadorias compradas nos Estados Unidos por 497 milhões de dólares. Portanto, um tributo adicional de cerca de 20% e, em 1.949, o Brasil teve de pagar 97 milhões de dólares adicionais sobre as compras num valor de 388 milhões de dólares, ou seja 25% a mais». A propósito, reconhece o jornal «Emancipação»: Temos de fornecer aos monopólios norte-americanos um quantum de trabalho de nosso povo muito maior que a quantidade de trabalho incorporada às mercadorias que eles (os americanos) nos enviam».

A ação dos imperialistas norte-americanos no terreno econômico, político e ideológico acarreta consequências sumamente negativas para a nação brasileira.

Os monopólios dos Estados Unidos extraem o lucro máximo. Funcionam como bombas de sucção que esgota e empobrece mais e mais as massas trabalhadoras, constituindo um freio ao livre desenvolvimento das forças produtivas no país. Vejamos alguns exemplos: No período de 1.947 a 1.952, as remessas de lucros para os Estados Unidos, atingiram a 327.000.000 de dólares, ao mesmo tempo que os novos investimentos atingiram a 469.000.000 de dólares. Como em todo esse período a entrada de capitais estrangeiros totalizaram apenas 65.000.000 de dólares, concluímos que pelo menos 404.000.000 de dólares dos novos investimentos americanos foram resultado da reinversão de lucros. Torna-se claro, pois, que a fonte principal do crescimento dos investimentos norte-americanos é a reinversão dos lucros obtidos no Brasil, é a exploração desenfreada dos trabalhadores brasileiros, é a capitalização da mais-valia extraída pelos monopólios lanques, a custo do sangue e do suor da classe operária. E, não só a mais-valia dos trabalhadores e dos camponeses, cujo nível de vida baixa sempre mais, como também parte considerável do trabalho necessário destes. Mas, não só isso. Os monopólios lanques sugam parte da mais-valia que deveria caber à burguesia nacional, a pequena e média burguesia, através dos preços baixos, monopolistas, com que compram a matéria prima e, dos preços dos produtos industriais e semi-fabricados que nos impingem.

A consequência mais imediata dessa brutal concentração de riqueza nas mãos dos imperialistas norte-americanos, é a intensificação sempre maior da exploração do proletariado; é o crescimento da miséria daqueles que criam todas as riquezas, é o empobrecimento relativo e absoluto do proletariado. O nível de vida do povo não acompanha o crescimento da renda nacional. A renda nacional «per-capita» não ultrapassava em 1.954 a 6.000.000 cruzeiros anuais e o poder de compra de cada pessoa, em certas partes do país, não chegava a 100 cruzeiros, naquele ano. O povo não tem escolas em quantidade suficiente e mais de 50% permanece sem conhecer o alfabeto. A inflação agrava, ainda mais, a situação das massas. Se em

inflação agrava, ainda mais, a situação das massas. Se em 1.939 havia em circulação apenas 5 bilhões de cruzeiros, em julho de 1.955 passou para 68 bilhões e atualmente atinge a cerca de 100 bilhões de cruzeiros. Os preços sobem e baixa o salário real. Cresce a carestia de vida, os transportes, o vestuário e os alugueis, em relação ao que o salário dos operários se reduz gradualmente, apesar da luta destes por melhores condições de vida e de trabalho. Apenas 5% da população absorvia, em 1.954, mais de 50% da renda nacional. A agricultura se atraz em relação ao desenvolvimento industrial e o Brasil permanece com as características de um país agrário-industrial, de desenvolvimento econômico e político desigual e, como fonte de matéria prima e mercado de venda para os imperialistas norte-americanos.

Diante dessa situação, a própria burguesia nacional grita e reclama contra a dominação dos imperialistas e passa a participar mais resolutamente na luta de nosso povo objetivando alcançar a completa emancipação econômica e política do país. Torna-se cada dia mais evidente, para todos, que livrar-se do abraço «amigo» dos americanos do norte e angariar o mercado exterior para nossos produtos é a exigência mais imediata para que nosso povo possa prosseguir com maiores êxitos e livremente, seu desenvolvimento no sentido do progresso.

Mas, o predomínio alcançado pelo imperialismo norte-americano, não aboliu ou fez desaparecer definitivamente seus concorrentes. Ao contrário, tanto a Alemanha como a Inglaterra, a França como o Japão, recompuseram suas economias e procuram penetrar por todas as portas na economia do país. Esses intentos encontram condições favoráveis porque os monopólios americanos só compram o que lhes convem e grande parte dos produtos de exportação de nosso país são gravosos no mercado internacional e não encontram saída. Pôde-se afirmar que se iniciou um novo período de acirramento da luta inter-imperialista pelo domínio do Brasil. Os intentos de aumentar a influência no Brasil, por parte de países da Europa e da Ásia, tem alcançado, ultimamente, alguns êxitos. Vejamos alguns exemplos:

FINANCIAMENTOS PRIVADOS EM 1.956:

- ▲ Alemanha concedeu 65 milhões e 419 mil dólares;
- ▲ França concedeu 106 e 416 mil dólares;
- ▲ Inglaterra concedeu 98 milhões e 046 mil dólares;

EXPORTAÇÃO: (EM 1.000.00 CRUZEIROS)

	1948	1.952
Japão	16.088	2.011.093
Alemanha	22.014	5.182.426
França	546.394	2.453.807
Itália	567.097	1.480.755

A Inglaterra se manteve mais ou menos com 2.157.274, tanto na importação como na exportação. A importação dos países acima, no Brasil, apresenta um quadro análogo. Isto é, aumenta progressivamente a participação dos países europeus no comércio exterior de nossa terra. De outro lado, a Alemanha começa a instalar fábricas como a «Manesman», que monopoliza a fabricação de tubos de aço sem costura. A empresa «Volkswagen» pediu permissão e obteve para montar uma fábrica de automóveis e, a empresa «Folker...» conseguiu instalar uma fábrica de aviões e atividades correlatas. A «Mercedes Benz», instalou-se a pouco tempo e a cerca de um ano iniciava a usinagem dos 500 primeiros blocos de motores fundidos no Brasil. Essa empresa, fabricou 6.000 caminhões, em 1.957 e fabricará 12.000 em 1.958. Em 1.960 prevê fabricar 20.000 caminhões. Iniciou também a fabricação de automóveis, «A Krupp», em sua fábrica de Campo Limpo, fabricará caminhões de 25 toneladas. As firmas germânicas «J. Pohlitz Aktiengesellschaft», e a «Gesellschaft Fur Forderanlagen Ernest Heckel, M. B. H., Saarbrücken» associaram-se na fundação da empresa «Indústria e Comércio Pohlitz-Heckel do Brasil, Ltda.», com a finalidade de operar no Brasil. Esta firma já obteve uma concessão de 30.000 metros quadrados de terreno, na Cidade Industrial, em Minas Gerais, para instalá-la.

Os japoneses obtiveram autorização do governo brasileiro para montar uma grande empresa siderúrgica no Estado de São Paulo. Pretendem também fabricar automóveis. A Renault apresentou projeto para instalar uma fábrica de automóveis no Estado do Rio Grande do Sul. Assim, também outros monopólios da Europa e do Japão se esforçam por exportar seus capitais para o nosso país.

A afluência para o Brasil de capitais de procedência dos países capitalistas da Europa e da Ásia tende a crescer. Os monopólios dos velhos continentes tratam de conquistar novas posições em nosso país a custa dos monopólios lanques. Acirram-se as contradições entre os países imperialistas e seus reflexos se fazem sentir, sempre com mais força, no Brasil. No momento em que as forças patrióticas e democráticas, que atuam em nossa terra, concentram o fogo contra os trustes lanques, as referidas contradições podem e devem ser aproveitadas como reservas, úteis, na luta que o povo brasileiro vem desenvolvendo, pela completa emancipação do Brasil do jugo dos monopólios norte-americanos.

Atualmente, não terá o Brasil de navegar, novamente, ao sabor das contradições inter-imperialistas, apoiando-se ora num ora noutro país imperialista. É evidente que as referidas contradições podem e devem ser exploradas afim de facilitar à luta de nosso povo contra o jugo dos trustes lanques. No estreito. O apoio que obtívéssemos de um ou outro país im-

entanto, dentro desse limite o campo de manobra seria muito perigoso para o Brasil. No fim de contas não escapariamos ao círculo vicioso da subordinação pois, como é conhecido, os monopólios imperialistas, independentemente de seus países de origem, «não lineam preço sem estopa».

O que o Brasil necessita é a realização de uma política consequentemente independente e progressista, que corresponda a dos interesses da maioria do povo, uma política que acelere a industrialização do país e coloque o Brasil entre as nações adiantadas, livres e soberanas de nossa época. Hoje mais do que nunca, criaram-se, tanto externa como internamente, novas condições e possibilidades favoráveis para que o nosso povo progrida com maior ritmo no caminho de sua completa emancipação econômica e política.

E quais são essas condições e possibilidades favoráveis? Internamente, à base do desenvolvimento das forças produtivas capitalistas se fortalece a burguesia nacional; cresce e concentra-se o proletariado industrial; o proletariado agrícola aumentou consideravelmente e elevou-se de muito a consciência de classe dos operários. A contradição entre a nação brasileira — desde o proletariado, à burguesia nacional e inclusive alguns setores de latifundiários produtores — de um lado, e os imperialistas norte-americanos de outro lado, aguçam-se continuamente. A base do aguçamento dessa contradição, predominante nas condições atuais do Brasil, cresce e aprofunda-se o sentimento anti-imperialista das massas. Todas as classes e camadas sociais ocupam posição sempre mais ativa e clara na luta política contemporânea. Já não é só o proletariado e as camadas médias da população que pugnam por uma política exterior independente e por uma política interna nacionalista, progressista e democrática. A burguesia nacional, através de suas organizações representativas e líderes mais destacados, manifesta-se seguidamente pela normalização das relações econômicas e diplomáticas com a União Soviética e com os demais países do campo socialista, pela defesa da indústria nacional e pela soberania do país. Está em curso a formação de uma poderosa corrente de forças patrióticas e nacionalistas que, na luta contra as forças entreguistas, exerce influência crescente em toda a vida da nação — nas organizações populares e operárias, nos partidos políticos e no parlamento, no exército brasileiro e inclusive no atual governo. Estas condições, como disse o camarada Prestes em seu último artigo, publicado a propósito do 40º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro:

«...coloca-nos diante da possibilidade de participar de um amplo movimento democrático e nacionalista capaz de mudar a política do atual governo ou de conseguir um novo governo de orientação progressista, nacionalista e democrática, conseguir esse governo através de eleições ou de pressão de massas, ou ainda, através da resistência organizada das forças democráticas e patrióticas, no caso de uma inevitável crise de governo, como a de 11 de novembro, provada pela intervenção imperialista nos negócios internos de nosso país».

Tal governo será democrático e nacionalista e poderá realizar uma política externa independente, fazer avançar a democracia e o progresso material e espiritual do povo brasileiro. Será um governo que terá de ligar o progresso econômico e político do Brasil, à elevação do nível de vida das massas, pois como bem disse o professor Santiago Dantas, na conferência que pronunciou em Belo Horizonte, nos primeiros dias do corrente ano:

«O desenvolvimento econômico se acha subordinado à prática de uma política paralela: aumento de investimentos para incrementar a produção e uma melhor distribuição das riquezas para propiciar aumento de consumo dos consumidores das riquezas produzidas. O Brasil tem que transformar cada trabalhador num consumidor de alto índice, se quiser apressar o seu processo de desenvolvimento econômico.»

Para o surgimento de semelhante governo de coalizão democrática e nacionalista, que enfrente os problemas mais imediatos de nosso povo, as condições tornam-se cada vez mais favoráveis. Sua conquista depende da luta e da unidade das forças democráticas e nacionalistas, que desejam o progresso do país.

Externamente as condições são também favoráveis à luta de nosso povo.

Hoje, os imperialistas não possuem mais o monopólio das máquinas, da ciência, da técnica e da experiência. Os países do campo socialista e principalmente a União Soviética, não só quebraram o referido monopólio como se avantajaram aos países capitalistas em diversos setores fundamentais da ciência e da técnica. Atualmente para os países como o Brasil, desapareceu o dilema que lhes impunha estar sempre sob o jugo de um ou de outro país imperialista, ou de diversos países imperialistas ao mesmo tempo.

Os enormes progressos da União Soviética e de outros países socialistas, no terreno das ciências, da técnica e da economia, etc.; os princípios da coexistência pacífica e da ajuda mútua desinteressada, que rege as relações daqueles países com todos os povos, contrasta cada dia mais, com a política de rapina e de imposições executada pelos monopólios norte-americanos. O contraste entre essas duas políticas tornou-se mais evidente nas diferentes posições assumidas pela União Soviética, República Popular da China e pelos outros países socialistas, e a posição tomada pelos Estados Unidos, a Inglaterra e a França, em relação ao Egito, na questão do canal de Suez, à Síria, diante da ameaça turco-americana e, em relação à soberania de todos os países afro-asiáticos. Enquanto a União Soviética se dirigiu à recente conferência dos povos de 35 países da Ásia e da África, oferecendo uma ajuda multilateral, desinteressada e incondicional, na luta desses países pela independência nacional e a industrialização, os Estados Unidos reúnem o tristemente famoso «Pacto do Atlântico Norte», afim de impôr à seus «aliados» da Europa, a aprovação de novas medidas tendentes a agravar a situação internacional, intensificar a guerra fria e acentuar, assim, o perigo de uma nova guerra atômica que pende sobre a humanidade.

CONCLUI NA 11 PAG.

Sobre Algumas Questões da Situação Internacional

N. S. KRUSCHIOV

N. S. — Reproduzimos, a seguir, a primeira parte de um discurso pronunciado pelo camarada Kruschiov, 1º secretário do PCUS, a 22 de janeiro último, numa reunião de vanguarda da agricultura na Bielo-Rússia. A segunda parte deste discurso será publicada em nossa edição seguinte.

Camaradas! Vocês sabem e quanto se modificou até agora a situação internacional, como melhorou esta situação em comparação ao que havia há um ano atrás. No fim do ano de 1956, na Hungria, como resultado dos erros cometidos pela antiga direção húngara, ocorreram importantes acontecimentos. Os elementos contra-revolucionários com o apoio da reação internacional tentaram derubar o poder popular na Hungria e restaurar ali a ordem capitalista e fascista. Existiam sensíveis dificuldades também em alguns outros países de democracia popular, antes de tudo na Polónia.

As potências imperialistas fizeram tudo para utilizar estas coisas, para seus objetivos contra os países socialistas. Os corvos reacionários, não cabendo em si de entusiasmo, grassavam a todo o mundo que começara a desorganização, a crise do comunismo, que a União Soviética e os países de democracia popular encontravam-se frente a tais dificuldades, das quais eles não poderiam livrar-se.

As forças agressivas das potências ocidentais decidiram que para eles chegara o momento favorável para mudar a situação no Oriente Próximo e Médio, fortalecer ali suas posições coloniais, as quais desmoronaram-se muito em relação com o crescimento do movimento de libertação nacional, com o crescimento das forças do sistema socialista mundial. Os governos da Inglaterra, da França e também de Israel empreenderam uma aventura militar contra o Egito. E' sabido como terminou esta aventura dos imperialistas.

Esborçaram-se os cálculos dos imperialistas, que depositavam esperanças nas forças contra-revolucionárias na Hungria. O governo revolucionário operário-camponês, encabezado pelo camarada J. Kadar, mobilizou a classe operária, o campesinato trabalhador, a intelectualidade de vanguarda da Hungria na luta contra as forças contra-revolucionárias.

Ele solicitou o auxílio da União Soviética. E de nossa parte foi prestada uma ajuda fraternal. Predicadamente em três dias foram destruídos os bandos contra-revolucionários na Hungria e restabelecida a ordem revolucionária. A União Soviética e todos os países socialistas prestaram ao povo húngaro uma ajuda fraternal para o restabelecimento e ulterior desenvolvimento da economia do país.

Claro que ali existem ainda sérias dificuldades provocadas pelos atos da contra-revolução, e o povo sente estas dificuldades, é obrigado a arcar com os prejuízos causados à economia do país pelos rebeldes fascistas.

Na República Popular da Polónia, onde ainda existem não poucas dificuldades, tomam-se medidas para o fortalecimento do regime democrático popular. Como vocês souberam pela imprensa, há dias, a convite do primeiro secretário do CC do Partido Operário Unificado Polonês, o camarada V. Gomulka, e do presidente do Conselho de Ministros, o camarada IU. Tsrankewitch durante três dias esteve na Polónia e ali manteve amistosas palestras com os dirigentes poloneses. Como resultado destas palestras, convenci-me de que o Partido Operário Unificado Polonês, tendo à frente o camarada Gomulka, utilizando corretamente suas forças e possibilidades, saberá superar as dificuldades ali existentes e conseguir novos êxitos no desenvolvimento da economia socialista do país, na elevação do bem-estar do povo.

De maneira vergonhosa foram frustradas as profecias dos imperialistas em relação à União Soviética, à força e à solidez de nosso regime socialista. Os inimigos imaginavam que aqui surgiriam novas dificuldades internas em relação com o fato de que na União Soviética, a cada ano que passa cada vez mais eleva-se o número de pessoas que recebem instrução média e superior, e por isso eles intervirão obrigatoriamente contra o regime comunista e tenderão, segundo as opiniões dos imperialistas para o regime «livre», isto é para o regime capitalista.

Diz-se que o foinho sonha com bolachas. Assim também os capitalistas querem conseguir a ruína do regime socialista e a ruína do comunismo. Mas isto não conseguirão nem eles próprios, nem seus netos e bisnetos. (aplausos).

Quando nós criticamos os defeitos na nossa agricultura, os imperialistas começaram a gritar sobre a «crise» da agricultura na União Soviética, declarando que os bolcheviques, não poderão agora «sair das duras penas». Agora todos vêm como nós saímos desta «crise». Nosso partido não somente criticou corajosamente os defeitos existentes

mas também, elaborou medidas concretas de elevação da agricultura socialista. Ele organizou de tal maneira a questão, que em três anos foi realizado com êxito o programa de elevação da produção de uma série dos mais importantes produtos da pecuária, que estava previsto a ser cumprido em seis anos. Agora, até os representantes dos Estados capitalistas que visitam nosso país, não falam mais sobre a «crise» de nossa agricultura, mas assinalam seus grandes êxitos.

Depois, quando apresentamos a questão sobre a remodelação da direção da indústria e da construção, os capitalistas de novo começaram a gritar que na União Soviética a indústria trabalha mal, e que os bolcheviques não poderão livrar-se das dificuldades no desenvolvimento da indústria. Mas, passou ao todo meio ano, e estas profecias de nossos adversários também caíram por terra.

Particularmente muitos imperialistas imbuíram-se da idéia, convenceram-se a si próprios e esforçavam-se em convencer aos outros, de que o regime socialista não possibilita o desenvolvimento da ciência e da cultura, que ele «le» a atividade do homem, e começaram a espalhar semelhantes absurdos.

Mas às vezes acontece assim: o homem mente uma vez, depois a segunda, já na terceira vez ele já comenta isso como um fato porque já está acostumado com a mentira.

Mas, também esta mentira burguesa chegou ao fim. De repente, na União Soviética lançaram o foguete balístico intercontinental, cuja prova demonstrou resultados positivos. Agora nós dispomos da possibilidade de enviar foguete a qualquer ponto do globo terrestre e, se necessário com carga de hidrogênio. A comunicação sobre isto foi recebida com desconfiança e foi apreciada assim: os dirigentes soviéticos querem animar seus povos e amedrontar os governos das potências ocidentais. Mas eis que a União Soviética na base do foguete balístico intercontinental, lançou o satélite artificial da Terra. E quando esse satélite começou a realizar seu vôo em redor do globo terrestre e que cada um pôde vê-lo, se é que não perdeu a capacidade de ver, olhando para o céu, nossos adversários se calaram. Eles pensavam desbaratar-se primeiramente com um choque fácil. Apareceu até um general americano que declarou que não se exige maior inteligência para o lançamento do satélite, que cada pessoa, pode pegar um pedaço de metal e lançá-lo ao céu. Experimente lançar se tu és tão inteligente e tão forte. Os próprios americanos, não falando já de outros povos, mofaram-se da imbecil declaração do general americano.

Um mês após o lançamento do primeiro satélite artificial da Terra, foi lançado o segundo satélite soviético com um peso de mais de 508 quilos. Depois do lançamento dos satélites artificiais da terra, até aos cépticos mais empedernidos faltava terreno para a difusão de suas fábulas sobre o estado da ciência, da técnica e da cultura soviética. Que então cabia aos americanos fazer? Eles declararam:

— Nós também lançaremos nosso satélite. E avisaram que qualquer dia eles querem lançar um satélite artificial americano do tamanho de uma laranja e com um peso de quase meio quilo. Dessa maneira, diziam que, seu satélite será tão pequeno que não será visto. E eles, verdadeiramente tentaram lançar o satélite artificial, mas não conseguiram nada. Agora existe um filme que mostra como o satélite dos americanos, não subindo, explodiu e incendiou-se no lugar, juntamente com o foguete.

E eis então que não lhes restava mais nada a fazer, senão reconhecer: Sim, que a União Soviética, de fato, ultrapassou os EUA no desenvolvimento da ciência e da técnica, que a União Soviética, prepara por ano, três vezes mais engenheiros que os EUA. No entanto, apareceram ali, pessoas inteligentes que começaram a gritar que os russos, roubaram dos americanos o projeto de criação dos satélites. Mas, a estes vozeadores, os próprios americanos perguntaram: se os russos roubaram de nós os projetos, e segundo eles, construíram o foguete, lançaram os satélites, porque então, nós não podemos, segundo nossos próprios desenhos e projetos, fazer o mesmo foguete, lançar os mesmos satélites? Dêse modo também esta imbecilidade foi ridicularizada pelos próprios americanos.

Surgiu então nova versão: alguns começaram a fazer crer que os alemães ajudaram os russos a criar o foguete balístico. Os russos, diziam, apoderaram-se dos cientistas e engenheiros alemães na prisão, e utilizaram-se da sua experiência e de seus conhecimentos. Mas as pessoas sensatas outra vez pergun-

taram: se os alemães ajudaram aos russos, então porque eles não ajudam aos EUA? As tropas americanas apoderaram-se do laboratório do instituto de pesquisas científicas e do construtor-chefe do «FAU-2», o levaram para a América e agora ele trabalha nos EUA, na criação de foguetes.

Não é segredo que aqui efetivamente trabalhou um pequeno grupo de alemães, os quais segundo a terminação dos prazos dos acordos concluídos por eles, ou já voltaram, ou retornarão à Alemanha. Quando estes especialistas voltaram e contaram o que sabiam, os americanos pensaram que tinham informações exatas sobre o nível em que se encontrava a União Soviética na questão do desenvolvimento da construção de foguetes. Mas depois que nós lançamos os satélites artificiais, os americanos começaram a gritar:

«Novamente nos enganaram! Os alemães, que aqui chegaram nada sabem sobre o que fazem os russos. Resulta que os alemães não participaram da criação do foguete».

A União Soviética demonstrou na prática, que o sistema soviético, o regime socialista é o regime mais progressista que dá a liberdade para o desenvolvimento de todos os ramos da economia nacional, cria as condições mais favoráveis para o desenvolvimento da ciência, da arte e da cultura. Nosso país, durante quarenta anos do Poder Soviético, conseguiu enormes êxitos em seu desenvolvimento. Numa série dos mais importantes ramos da ciência, nosso país alcançou o país capitalista mais altamente desenvolvido que são os Estados Unidos da América. Na União Soviética, foram criados e lançados com êxito, pela primeira vez no mundo, os satélites artificiais da Terra. E isto, é claro, está longe de ser a última palavra da ciência e da técnica soviética, de nossa indústria socialista. Em todo o mundo causou assombro o fato de que o peso do segundo satélite artificial ultrapassou em mais de seis vezes o peso do primeiro satélite e era mais de meia tonelada. Mas, isto não é o limite. Nós podemos duplicar e mais do que duplicar, o peso do satélite, porque o foguete intercontinental tem uma enorme potência, que possibilita lançar um satélite de peso ainda maior e a uma altura ainda maior. E nós, possivelmente, faremos isto! (Estrondosos aplausos).

Nossos êxitos na construção de foguetes, na utilização da energia atômica para fins pacíficos, na criação de aviões a jato inquietam seriamente aos imperialistas. Há mais de dois anos na União Soviética, estão em circulação em linhas de passageiros, os aviões a jato «TU-104», criado pelo famoso construtor soviético, o acadêmico Tupolev. Os americanos preparam-se para fabricar aviões de tal tipo, somente em 1958. Os outros países capitalistas também não possuem avião igual ao nosso. Já criamos um avião mais poderoso — o «TU-114», e também novos poderosos aviões de outros destacados construtores soviéticos.

Quando na primavera de 1956 estivemos com N. A. Bulganin em Londres e em conversações com Eden, Lloyd, Mac Millan, Butler e outras personalidades britânicas, nós dissemos-lhes, sinceramente, que possuíamos foguetes de diferentes raios de ação. Mais tarde, quando Israel, Inglaterra e França atacaram o Egito, o Governo Soviético decla-

rou na mensagem ao primeiro ministro da Grã-Bretanha que faria o governo inglês se em tal situação se encontrasse a própria Inglaterra se ela fosse atacada por Estados mais fortes, que dispõem de todos os tipos de armas de destruição modernas e eis que tais países, dizia-se em tais mensagens, poderiam não só enviar às margens da Inglaterra, frotas aéreo-militares ou navais-militares, mas utilizar outros meios, por exemplo, a técnica de foguetes.

Esta declaração do Governo Soviético influiu sobre eles. Pelo visto, antes pensavam que nós simplesmente os amedrontávamos, quando falávamos sinceramente sobre a existência na União Soviética de uma poderosa técnica de foguetes. Mas depois eles convenceram-se, de que nós verdadeiramente dispomos de uma tal técnica. E isto causou seus êxitos (aplausos).

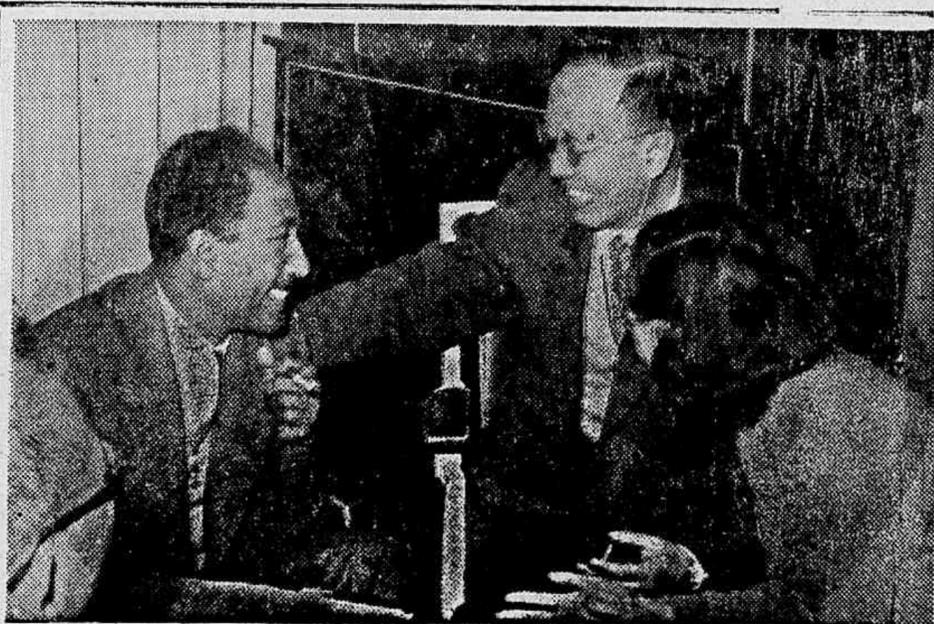
Agora os imperialistas tentam amedrontar a União Soviética e outros países amantes da paz, com o fato de que, constroem bases atômicas e rampas para lançamento de foguetes nos territórios dos países que fazem parte da NATO e outros blocos agressivos. Mas eles ainda não dispõem de foguetes para tais bases e preparam-se para criar tais foguetes no futuro. Isso significa que passarão 2 a 3 anos até que possam assegurar os foguetes que lhes são necessários para estas rampas. Nós possuímos hoje tais foguetes, que podem ser enviados a qualquer região do globo terrestre, como um golpe destruidor sobre os agressores, se tentarem desencadear uma nova guerra.

Assim, os imperialistas não conseguirão amedrontar-nos. Os soviéticos não são medrosos, e embora não sejam amantes das aventuras militares, eles pensam em si próprios. E nós, temos com que defender a honra a liberdade, a independência, as grandes conquistas do povo soviético. (Estrondosos aplausos).

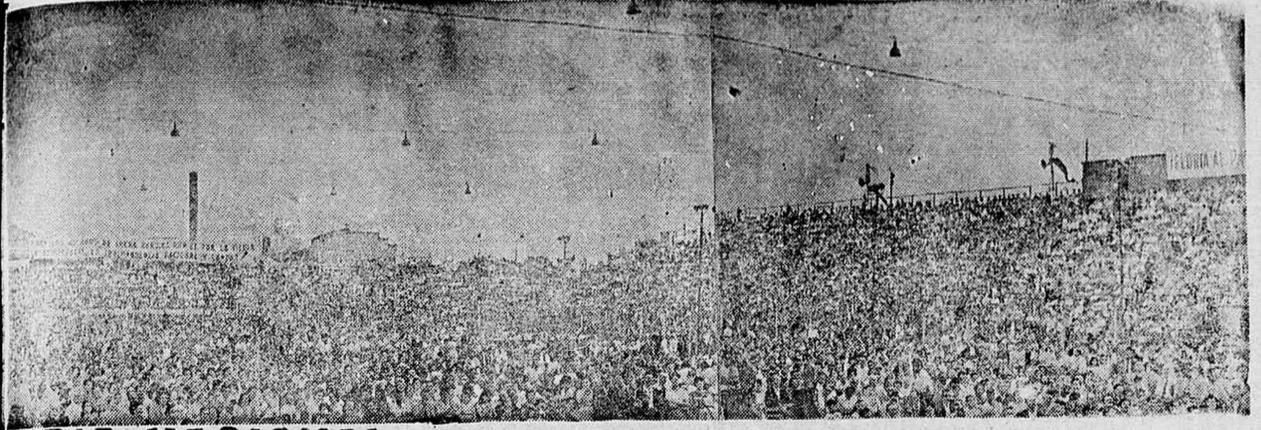
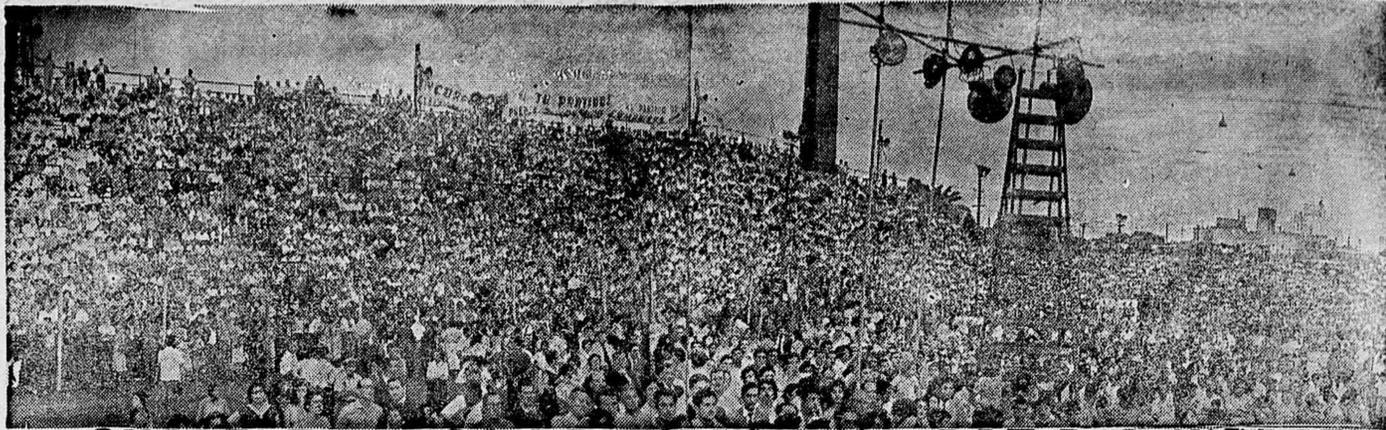
Camaradas! O secretário de Estado dos Estados Unidos, Dulles, de maneira particularmente ativa, exercita-se na glorificação da política «das posições de força». Constantemente afirma que a União Soviética só pode conversar quando os EUA considerem que superam a União Soviética em força, isto é, conversar com a linguagem dos ultimatos e do «diktat». Nós sempre respondemos a isto dizendo que esta é uma política cínica. Os círculos dirigentes dos EUA sempre consideraram que são mais fortes do que nós. Nós na base desse mesmo cálculo somos de outra opinião. Depois do lançamento dos satélites artificiais, todo o mundo começou a falar que a União Soviética ultrapassou aos Estados Unidos em muitos ramos da ciência e da técnica. E os próprios americanos foram obrigados a declarar: «Sim, nos alcançaram».

Mas nós sempre dissemos e dizemos: melhoramos nossas relações, comerciamos, desenvolvemos nossas relações culturais, científicas e esportivas. Encontramo-nos e discutamos de maneira produtiva os problemas internacionais já amadurecidos. Nós propunhamos e propomos cessar a «guerra fria» e a corrida armamentista, abandonar a política das «posições de força», abandonar a política de ameaças de guerra e assentar suas relações na base da coexistência pacífica. Os círculos dirigentes dos EUA não quiseram ouvir — In-

(CONCLUI NA 8ª PÁG.)



CONGRESSO DE SOLIDARIEDADE AFRO-ASIÁTICA — Durante o importante conclave que reuniu recentemente dezenas de países asiáticos e africanos, conversam Kuo Mo-lo, chefe da delegação chinesa àquele Congresso e Anwar Sadat, chefe da delegação egípcia e Presidente do Congresso.



★
Uma vista do Estádio de Atlanta, durante os festejos do 40º aniversário do Partido Comunista da Argentina
★

QUARENTA ANOS DE LUTAS PELA PAZ E A INDEPENDENCIA NACIONAL

O Discurso de Codovilla

COMPLETA O PARTIDO COMUNISTA DA ARGENTINA O SEU 40º ANIVERSÁRIO — GRANDIOSO PROGRAMA DE COMEMORAÇÕES REUNE NO ESTÁDIO DE ATLANTA A 70.000 PESSOAS — EM VIBRANTE DISCURSO, VICTÓRIO CODOVILLA DEFINE A POSIÇÃO DOS COMUNISTAS ARGENTINOS

A 6 de janeiro deste ano, completou o P. C. da Argentina o seu 40º aniversário. No centro de Buenos Aires, um dia antes, realizava-se um extenso programa comemorativo, que se estendeu desde as primeiras horas até a madrugada do dia seguinte.

Uma festa gigantesca teve lugar na sede e no estádio do Clube Atlanta, à qual acorreram dezenas de milhares de pessoas, vindas de todos os cantos da capital portenha. Ali teve lugar uma animada partida de futebol, corrida de ciclismo, torneio de basquetebol e de ping-pong, concursos e disputas de jogos populares de vários tipos. Dezenas de barracas ofereciam doces e bebidas, jornais, revistas e livros editados pelo Partido, trabalhos em cerâmica e reproduções de quadros.

Um programa especial foi organizado para as crianças: além da improvisação de uma creche e um jardim de infância, inúmeras provas desportivas foram celebradas, além de números de mágica e teatro de bonecos. Compareceram também os Reis Magos, oferecendo brinquedos à garotada. Uma simpática iniciativa consistiu na oferta de brindes às avózinhas, feita pelos jovens.

A noite, realizou-se a sessão solene, seguida de animado baile, sessão cinematográfica e danses populares. Num grande estrado, elevou-se o emblema do Partido e bandos de pombas brancas foram lançados ao céu.

Sob intensos aplausos, assomaram à tribuna os membros do Comitê Central do Partido, seus colaboradores e os delegados fraternais dos Partidos irmãos do Uruguai, Chile e Paraguai, bem como convidados especiais de organizações democráticas e populares. Em nome do C.C. do P.C.A., Víctorio Codovilla,

querido dirigente do movimento operário e fundador do P.C. argentino, pronunciou um importante discurso no qual procurou analisar a atual situação política em seu país e no mundo e definir a posição dos comunistas argentinos em face do governo Aramburu e às vésperas das eleições.

Publicamos, abaixo, os trechos principais desse discurso.

A PARTICIPAÇÃO DOS INTELLECTUAIS

Inúmeras e variadas foram as iniciativas que assinalaram a passagem do 40º aniversário do P.C. argentino. Além da grandiosa festa popular no Estádio de Atlanta, que reuniu cerca de 70 mil pessoas, realizaram-se festas nas grandes cidades, piqueniques, bailes, solenidades comemorativas, palestras etc.

Destacou-se, por sua importância, a participação dos vários setores de intelectuais.

No dia 28 de dezembro, alguns dias antes da data aniversária, inaugurou-se uma exposição de todos os materiais impressos do PCA. Dezenas de tabuleiros e cartazes exibiam os exemplares da im-

Rodolfo Ghioldi, Víctorio Codovilla, Arnaldo Alvarez e Alcira de La Peña — dirigentes do P. C. Argentino assissem aos festejos que o carinho do povo portenho preparou para assinalar a passagem dos 40 anos de vida do seu partido



A Luta Por um Governo Democrático

pronunciou o discurso de abertura do Salão.

Esta mostra participaram os nomes mais expressivos do mundo das artes plásticas de pais amigo, totalizando cerca de três dezenas de artistas.

Ainda como parte do programa comemorativo teve lugar uma Festa da Poesia. Ali se reuniram poetas «irmãos» da comunidade de criação e antevisto do futuro, que representa a poesia, tal como se dizia no convite. Na grande festa de Atlanta, foi declamado um bellissimo poema «Cantata dos mortos do Partido», homenagem especial às vítimas da reação e do terror fascista, tombados na luta árdua e heroica liderada pelo Partido Comunista da Argentina.

Na parte mais de seu discurso, Codovilla abordou a questão de com o P.C. argentino encara a atual situação política no país e a luta que indica às forças democráticas para o avanço da democracia.

«Celebramos o 40º aniversário do nosso Partido — em condições sempre difíceis para nós — e a crise econômica que se tornou cada vez mais profunda, em consequência política do governo pro-

visamente a defender antes de tudo e sobretudo os interesses da oligarquia latifundiária do grande capital e dos monopólios estrangeiros. «Através do intercâmbio comercial desigual, o imperialismo, sobretudo o inglês e o lanque, continuam a despojar nosso povo de grande parte de seu trabalho. Hoje a Argentina tem que exportar e abor de produtos que em 1950 para adquirir nos grandes países capitalistas a mesma quantidade de combustíveis, matérias primas, maquinários etc.»

Trata a seguir o dirigente comunista da pressão imperialista contra o comércio com todos os países do mundo, principalmente os socialistas. Mostra a elevação do custo de vida e suas consequências para as massas trabalhadoras.

Define então a posição do P.C. «Frente a essa situação, é preciso pois que a classe operária e o povo estejam alertas a fim de evitar que as eleições de 23 de fevereiro ganhe, de uma ou de outra forma, o cavalo do comissário.

«As forças democráticas e antimperialistas são numerosas e fortes, porém, a debilidade da democracia argentina continua residindo em sua dispersão e divisão, fomentada também pelos imperialistas.

«Por isso nosso Partido, fiel a sua política unitária, resolveu em sua recente Convenção Nacional — realizada para fixar sua posição diante das eleições de fevereiro — apoiar a todas as forças políticas democráticas de

país para que, na base de 5 pontos, que compreendem a defesa dos interesses vitais para a classe operária o povo e a nação, elejam uma fórmula presidencial única.

«Esperemos que as forças democráticas e progressistas se convençam que, por forte que seja um partido político democrático, mesmo no caso de triunfar nas eleições, não estará em condições de formar um governo estável se não contar com o apoio da imensa maioria do povo. Somente nessas condições o novo governo poderá resolver os problemas urgentes, em benefício da classe operária do povo e da nação argentina; a reforma de fundo na estrutura econômica do país e assegurar a liberdade e a independência nacional.

«O PARTIDO que fundamos há 40 anos, um reduzido núcleo de companheiros, é hoje o grande partido da classe operária e do povo argentino, sua honra e sua consciência, o partido que guiado pela imortal doutrina marxista-leninista cumpre sua missão histórica de unir numa frente única de luta todos os patriotas argentinos, a fim de arrancar nosso país das garras da oligarquia latifundiária, dos monopólios imperialistas e de seus lacaios nacionais, assegurar sua total independência econômica e política, elevar o nível material e cultural de nosso povo e, através de um governo democrático e popular, marchar decididamente para a meta socialista.

«Esta é a missão que está cumprindo nosso partido, que se propõe, além disso, mobilizar o nosso país para o grande movimento dos povos coloniais e dependentes que lutam por sua libertação nacional e social guiados pela luz redentora do mundo, que marcha para a democracia, o socialismo e o comunismo e que nada nem ninguém conseguirá deter.»

«Nosso Partido é o partido da paz. Assim o afirmou sua certidão de nascimento. De fato, surgiu para a vida política há 40 anos, justamente por opor-se, no seio do Partido Socialista, ao apoio que os dirigentes de direita desse partido queriam que o país prestasse aos imperialistas anglo-franceses durante a 1ª guerra mundial, envolvendo assim a Argentina nas rédeas do imperialismo, que eles proclamavam ser «democrático». Seu primeiro ato público foi de apoio aos bolcheviques russos e aos socialistas de esquerda de outros países, em sua luta para terminar quanto antes com a guerra imperialista e pela garantia de uma paz duradoura para os povos. E desde então, nosso Partido inspirou sua ação nos princípios do marxismo revolucionário, baseando-se nos quais os bolcheviques russos dirigiram seu povo na luta revolucionária pela derrubada do czarismo e do capitalismo, pelo término da guerra e pelo triunfo da primeira revolução socialista do mundo.

«Mas ao mesmo tempo que nosso Partido inspirou sua ação nas grandes ideias transformadoras da Revolução Russa, recolheu a herança democrática e patriótica dos heróis da independência, dos forjadores da nacionalidade, dos iniciadores da luta pelo progresso e sábios mais lúcidos que teve nosso país: Moreno, Belgrano, San Martín, Rivadavia, Echegaray, Sarmiento, Alberdi, Ameghino, Ingenieros, Yrigoyen, de la Torre, Juan Justo, Anibal Faenza. E

continuou e enriqueceu com suas lutas abnegadas as melhores tradições combativas do proletariado e do povo argentino.

«Essa dupla fonte de inspiração é um dos traços distintivos de nosso Partido. Partindo do princípio de que aquele que ama profundamente a sua pátria, ama também aos demais povos e a toda a humanidade, nosso Partido soube conjugar harmoniosamente seu puro e elevado patriotismo com sua fidelidade ao internacionalismo proletário. E nosso Partido jamais arriou nem arriará essa bandeira.

«Desde a primeira campanha de total solidariedade para com a nascente Revolução Russa, não houve luta de povos de qualquer país da terra, por sua libertação nacional e social, que não tivesse recebido, graças aos esforços de nosso Partido, a ajuda solidária e fraternal do povo argentino. Em vários países da América Latina lutaram nossos soldados, sofreram nos cárceres e alguns pagaram também o tributo de sua vida. Na Espanha, durante a heroica e inolvidável luta da República democrática contra a invasão nazifascista e contra a política de «não intervenção», estiveram presentes também comunistas argentinos, vários dos quais deram seu tributo de sangue junto ao valente povo espanhol. Durante a segunda guerra mundial, nós comunistas argentinos estivemos à testa de nosso povo na organização do movimento de solidariedade moral e material com a URSS e os países que lutavam por derrotar o nazifascismo, então o principal inimigo da humanidade progressista.

«Ação política dominante na Argentina, afirma Codovilla: «Vários fatos demonstram que os círculos reacionários do governo provisório se prestam cada vez mais a transformarem em joguete da política exterior norteamericana, que é uma política guerrreira e antinacional. Preparam-se para aceitar a integração da OEA na NATO, o que trairia a terrível ameaça direta de guerra atômica sobre nosso território.

«É sabido que os lanques exigem bases militares; que se não podem obrigá-los a que entrem em sua órbita a uniformização dos armamentos que lhes foram vendidos por aqui; que reclamam transferência de armas atômicas e de hidroginio, como já fizeram no Brasil com a ilha de Fernando de Noronha; que sonham instalá-las no nosso sul da Patagônia, na Terra do Fogo e na Antártica; que cobram nosso petróleo e nosso urânio. Mas o povo argentino, orgulhoso de sua tradição democrática e heroica, não permitirá que isso suceda, pois corresponderia à perda completa da soberania nacional.

«Por conseguinte, nosso Partido, neste 40º aniversário de sua fundação, honrando sua tradição de luta pela paz, apela desta tribuna para a classe operária e o povo, para todos os patriotas argentinos para que difundam amplamente o vibrante e comovedor apelo pela paz aprovado por representantes de 64 partidos comunistas e operários reunidos em Moscou para comemorar o 40º aniversário da gloriosa Revolução russa».

Vitório Codovilla presta homenagem à atual situação política.



Elementos do conjunto de danses populares, de Celia Queiroz, apresentando-se ao público na grande festa



Integrantes do conjunto de bailes de Celia Queiroz, exibindo-se no Estádio de Atlanta



Conjunto artístico, que se exibiu na grande festa comemorativa de 5 de Janeiro. Elementos do conjunto de danses populares, de Celia Queiroz, apresentando-se ao público na grande festa

As Massas Organizadas Obtêm Vitórias

AS LUTAS DO PROLETARIADO NUM DOS MAIS IMPORTANTES

CENTROS INDUSTRIAIS DO BRASIL

REPORTAGEM DE ANTONINO RODRIGUES

Santo André é um município paulista localizado ao Sul da Capital e que tem por divisa a oeste S. Bernardo do Campo, ao norte S. Caetano do Sul, a leste Mau e Ribeiro Pires e ao sul Cubatão e Santos. Está portanto incrustado entre a capital e o maior porto do Brasil, ocupando uma área de 178 km².

Sua situação geográfica entre esses dois importantes centros, e sendo servido pela ferrovia que liga S. Paulo a Santos, permitiu-lhe um grande desenvolvimento industrial. Hoje S. André é um dos municípios de maior concentração industrial, pois conta com mais de 1.900 estabelecimentos fabris que empregam mais de 40 mil operários dos variados ramos da atividade humana. Desponta como maior concentração o setor metalúrgico, com mais de 14 mil operários, seguido dos ramos têxteis, alimentação e produtos químicos, em escala decrescente.

O PROLETARIADO, A CLASSE MAIS IMPORTANTE

Esta situação de S. André com uma classe operária proporcionalmente grande para uma população de 180 mil habitantes, coloca o proletariado como classe de maior importância dentro do município. Ao lado deste surge a burguesia nacional que desenvolve a indústria nacional apesar da forte pressão imperialista norte-americana. Tem o município grandes industriais, como Firestone, Pirelli, General Elétric, Elevadores Otis, Swift e de outros capitais estrangeiros de ordem secundária como: Rhodiacta, Rhodia-Química, Fichet, etc.

Os homens da indústria, na sua maior parte formados tradicionalmente em S. André, compoem com a classe operária e as camadas médias da população ou sejam, comerciários, profissões liberais, funcionários públicos, intelectuais etc., as forças que impulsionam o progresso industrial e cultural de S. André e dos municípios vizinhos, formando assim uma formidável alavanca no conjunto do desenvolvimento industrial do Brasil.

Diante deste quadro vemos a grande importância que desempenham as organizações de classe para a vida do município.

Assim é que em Santo André existem dezenas de organizações de classe e populares, sendo que todas estão em desenvolvimento como o provam os fatos que expomos a seguir. A Associação Comercial e Industrial de Santo André, que conta com mais de 600 associados e vem desenvolvendo lutas contínuas em benefício dos mesmos, como bem expressam as últimas eleições para diretoria vitoriosa, encabeçada pelos srs. Walter Serena e Oliver Tognato, a que compareceram mais de 500 associados.

Figura com destaque também a Associação dos Proprietários de Imóveis de Santo André, que liderou em 1957 as lutas do povo pela redução dos impostos prediais e territoriais, obtendo uma redução dos mesmos 40%, conseguida através de grandes manifestações públicas abaixo assinadas, assembleias do comércio e da indústria ombro a ombro com os trabalhadores e o povo. Este fato contribuiu para o reforçamento desta Associação. Há ainda no setor patronal outras organizações de menor projeção: o Sindicato dos Feirantes e o Comércio Varejista de Santo André, Associação dos Proprietários de Salões de Barbearias.

Nas profissões liberais existem organizações como a Associação Paulista de Medicina, seção de Santo André, e a Associação dos Cirurgiões Dentistas de Santo André. Também a Juventude Estudantil de Santo André conta com importantes organizações desmembrando a A.U.S.A. — Associação

Universitária de S. André — como a de maior importância, que dirigiu durante os meses de setembro e outubro as lutas do povo contra a onda de assaltos e por maiores garantias à população. Essas lutas culminaram com a destituição do delegado de polícia Pio Buhler Souto.

O combativo proletariado de Santo André em suas tradicionais organizações de classe. O Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e do Material Elétrico, ocupa o primeiro lugar uma vez que representa o maior setor industrial, sendo ainda a maior organização de massa do município. Conta com 4.800 sócios. Se levarmos em conta a média da família brasileira, podemos dizer que esta vanguarda de associados de uma categoria profissional de mais de 14 mil operários representa os interesses de cerca de 70 mil habitantes.

A seguir vem o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem, organização que representa o setor mais antigo da classe operária local.

O Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Farmacêuticas tem mais de 2.500 sócios, representando 7.000 trabalhadores.

Outros sindicatos existem como o Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil e Mobiliários e o Sindicato dos Condutores de Veículos; além das associações profissionais dos Trabalhadores em

Borracha e a Associação dos Empregados do Comércio, Associação dos Trabalhadores em Vestuários, Associação dos Trabalhadores em Massas Alimentícias, Associação dos Funcionários Públicos e a recém fundada Associação dos Vendedores de Jornais.

Essas associações do proletariado durante o ano de 1957, participaram de várias lutas, levando o proletariado e o povo a obter novas vitórias e a conquistar melhores posições.

Em primeiro lugar, devemos destacar a participação conjunta dos Sindicatos, através do Pacto de Unidade Inter-Sindical de Santo André, na luta pela baixa dos impostos, que conseguiu uma redução de 40% nos tributos municipais.

O Sindicato dos Metalúrgicos, durante o ano de 1957, manteve-se constantemente mobilizado, conquistando uma série de vitórias para a categoria. É preciso destacar o aumento geral de salários obtido durante as últimas lutas grevistas de outubro. Dando uma demonstração de unidade e firmeza, esgotados todos os meios para um entendimento, foram à greve. Outra importante vitória para a categoria foi a conquista de um acordo salarial para todo o setor, pois, há vários anos eram feitos acordos por empresa, o que dividia e enfraquecia a unidade dos trabalhadores impedindo-os de obter melhores reajustamentos salariais. Isso, sem dúvida dará novas forças ao sindicato. Quando for à luta virá como um todo e não por empresas dispersas. Esta conquista só foi possível devido à grande combatividade dos operários, ao seu espírito de unidade, à grande ajuda que teve do Pacto de Unidade Inter-Sindical e São Paulo, à solidariedade de todos os trabalhadores e a simpatia do povo.

Devido a este crescente desenvolvimento da consciência de luta e da combatividade demonstrada durante o ano de 1957, é de se esperar que os trabalhadores metalúrgicos de Santo André aproveitem as próximas eleições sindicais, que se realizarão no mês de Maio próximo futuro, para reforçar seu Sindicato elegendo para a diretoria os homens que lideraram os movimentos, compondo e elegendo uma chapa de unidade, que tenha em seu seio os verdadeiros líderes da categoria.

A COMBATIVA CORPORAÇÃO TEXTIL

O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem, também durante o ano de 1957, reforçou sua unidade e organização e obteve grandes vitórias. Como maior exemplo temos a sua participação vitoriosa nos movimentos grevistas de outubro, nos quais a categoria, obedecendo à palavra de ordem de seu sindicato, paralisou totalmente este setor industrial, liderada pelas grandes empresas como a Rhodiacta com mais de 4.000 operários, e pela Santex que vem em segundo lugar com 1.200 operários. Os trabalhadores tirando destas lutas seus justos ensinamentos, demonstraram nas últimas eleições realizadas nos dias 30 e 31

de janeiro último, o mais alto espírito de unidade elegendo os mais combativos líderes para a diretoria de seu sindicato. A chapa composta por Gerardo Milani, Antonio Rodrigues Godoy, Antonio Diniz e outros destacados líderes, obteve 937 votos em confronto com a chapa n. 2 que alcançou 136 votos. Ainda uma vez, nas grandes empresas notamos uma maior consciência, uma justa compreensão da importância da unidade. Na Rhodiacta, a maior da categoria a chapa de unidade obteve 287 votos enquanto que a chapa n. 2, obteve apenas 24. O mesmo se deu na Santex (Ipiranguina), onde a votação foi de 133 e a chapa n. 2 obteve somente 15 votos.

É importante assinalar a justa compreensão da consciência nacional dos trabalhadores têxteis, quando incluíram em seu programa vitorioso, como uma das suas principais preocupações permanentes, a luta junto com os industriais nacionais por novos mercados e por relações por todos os países do mundo como importante forma de luta em defesa da indústria nacional e contra o desemprego.

Outra categoria profissional que obteve vitórias em 1957 foi a dos Químicos. Todos os seus integrantes conquistaram aumento de salários e várias vitórias na questão da salubridade, sob a direção do seu sindicato e com a participação massiva dos trabalhadores. Essas lutas vieram reforçar a unidade e a organização desse setor como vimos nas últimas eleições sindicais. O quorum foi amplamente superado votando 1.070 sócios. Para se ter uma idéia do crescimento desse sindicato basta lembrar que há dois anos atrás votaram aproximadamente 400. Outro fato que revela o desenvolvimento da consciência sindical dos trabalhadores químicos e que a chapa de unidade composta dos melhores líderes, recebeu 365 votos enquanto que a chapa n. 2 obteve 118 votos.

Mais uma vez se confirma a importância das grandes empresas para o movimento operário, com o resultado dessas eleições na Rhodia-Química a maior empresa do setor, onde a chapa de unidade obteve 152 votos e a chapa n. 2, 15 votos. Fato interessante é que nesta fábrica trabalhavam 3 dos componentes da chapa n. 2, o que demonstra a grande popularidade de que goza a diretoria eleita.

Outros sindicatos também obtiveram vitórias durante o ano de 1957, como da Construção Civil, Condutores de Veículos, e mesmo contando com Associações dos Jornalheiros e dos Comerciantes.

Como vemos, cresce dia a dia a consciência de unidade dos trabalhadores e desenvolve-se em ritmo crescente o movimento sindical.

A ATIVIDADE DAS ASSOCIAÇÕES DE AMIGOS DOS BAIROS

Do mesmo modo outras organizações existem em Santo André que congregam o povo, como as Sociedade Amigos de Bairros, sendo que algumas são de real destaque a exemplo da Associação dos Amigos da Vila Unida (Vila Helena, Vila Linda, Vila Luiza e outras), que conseguiu diversos benefícios para a população das vilas como seja calçamento de vias públicas, iluminação domiciliar e pública, escoment da represa Dramatuge em Vila Linda, que já havia ocasionado a morte de 4 pessoas, inclusive menores, água encanada, escola e outros benefícios. Essa Associação vem crescendo ao par das reivindicações que conquista para a população.

Outras associações de amigos dos Bairros, como a de Camilópolis, Vila Assunção, Vila Curuçá, Parque das Nações, lutam dentro dos 105 bairros

existentes em S. André pela melhoria das mesmas. Como prova a grande quantidade de ruas pavimentadas, que perfaz um total de mais de 100 mil metros de pavimentação, em sua maior parte realizadas atendendo as reivindicações levantadas pelas associações amigas de bairro.

É portanto dentro desse quadro que se apresenta situação política de S. André, diante das próximas eleições de outubro.

É característica em Santo André a divisão dos partidos políticos quando das eleições estaduais e federais. Apesar de possuir mais de 60 mil eleitores, nas legislativas passadas, S. André apenas conseguiu eleger um deputado, sendo que foram eleitos, em 1954, o sr. Antonio Flaque e em 1957, o sr. Fioravante Zampieri. Ambos prefeitos, portanto, candidatos que estavam no poder no momento.

Santo André, pelo seu tamanho, pela força política e econômica que representa, deveria estar representado na câmara estadual por 3 ou mais representantes, e que viria beneficiar o município nas questões dependentes do Estado. Por isso necessário se torna uma justa compreensão por parte das classes e camadas de Santo André e de seus partidos políticos. A luta política deve estar ligada ao movimento por melhores condições de vida do povo de Santo André e à luta para conseguir do Estado e da União aquilo a que Santo André tem direito. Isto só será possível se as organizações de classe patronal, das profissões liberais, do proletariado e as organizações populares dos bairros juntarem suas forças e unido-se aos partidos políticos que de fato queiram a melhoria das condições de vida do povo e o desenvolvimento de S. André, no quadro do movimento nacionalista brasileiro, organizem-se numa ampla frente única, instrumento decisivo que poderá levar o nosso município ao nível que



ALHANDO AO POVO DE SANTOS — Anita Leopoldina Prestes acaba de receber uma visita a inúmeras cidades do interior paulista. Por todos os lugares por onde passava a filha de Luiz Carlos Prestes era carinhosamente recebida e alvo de sucessivas demonstrações de carinho e solidariedade. No clichê, dois flagrantes de seu encontro com o povo paulista: Anita dirigindo-se a grande manifestação presente na sede da Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio de Santos e vista parcial da assistência.

O III Congresso Nacional dos Professores Primários

TEVE CUNHO NACIONALISTA O ENCONTRO DE MESTRES-ESCOLAS DO BRASIL
★ PREOCUPAÇÃO COM O ENSINO DO FOLCLORE NACIONAL E DO AMOR A PAZ
NAS ESCOLAS DO PAIS ★ DEVE SER ENSINADA A DEFESA DE NOSSAS RIQUEZAS
E EM PARTICULAR DO PETRÓLEO NACIONAL ★ APELO A LUTA CONTRA O
ANALFABETISMO ★ CRIADA A ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROFESSORES
PÚBLICOS PRIMÁRIOS

(DO NOSSO CORRESPONDENTE EM PORTO ALEGRE)

A reunião, de 11 a 18 de janeiro último, do III Congresso Nacional dos Professores Primários, foi um acontecimento na vida nacional cuja importância diz respeito não apenas ao magistério, porém, a todos os brasileiros. O auditório do Instituto de Educação de Porto Alegre, foi pequeno para conter os delegados vindos de todos os pontos do País e em número de mais de setecentos.

Constituiu nota curiosa e levado número de irmãs e irmãos das escolas religiosas católicas que participavam interessadamente nos trabalhos e debates.

E NÃO FALTOU ASSUNTO PARA DISCUSSÃO...

Um vasto tema de 11 pontos, incluindo problemas relativos ao ensino e às reivindicações da classe, foi minuciosamente debatido naqueles 8 dias de Congresso.

Dirigiu os trabalhos a professora gaúcha Ana Maria Amantim, vice-presidente eleita.

As comissões de estudo, em número de 15 que prepararam a matéria apresentada pelas diferentes delegações, para apresentação em plenária, funcionaram ativamente.

As sessões plenárias do Congresso transcorreram sempre com assistência da totalidade dos congressistas.

Os pontos que maior debate provocaram, foram os seguintes:

DISCUSSÃO DO REGULAMENTO INTERNO — Os debates para aprovação do Regulamento interno, já foram a

primeira amostra do calor que caracterizaria os debates posteriores.

O Regimento Interno não previa o modo pelo qual seriam ordenados os trabalhos das diversas comissões, de maneira a evitar conflitos nas conclusões das diferentes teses. A delegação de São Paulo, que foi uma das mais ativas e destacadas, apresentou a proposta da criação de uma Comissão de Harmonização (coordenação) integrada por 3 elementos, para atuar na supervisão do trabalho das comissões.

Após acesos debates, em que por momentos chegou o plenário a dividir-se, foi aprovada a idéia, sendo eleita a seguinte comissão: Irmão Modesto Celso (do Rio Grande do Sul), professora Ema Ciodaro (de Minas Gerais) e professora Lila Ripoll Guedes (do Rio Grande do Sul).

DEFICIÊNCIAS DO ENSINO — A maioria das teses revelava a preocupação unânime do professorado em descobrir as causas que determinam as diversas deficiências do ensino primário. Entre estas, são de destacar: — Causas de repetência no 1º ano escolar que vem se verificando, com frequência, nos últimos anos; falhas da formação dos professores primários aos quais é administrado um preparo um tanto desligado da vida; má elaboração dos programas escolares, que também possuem um espírito excessivamente intelectualizante.

Ao lado dessas causas, foram enumeradas ainda: a co-

nfecia precariedade das escolas existentes, a sub-nutrição dos alunos provindos das classes trabalhadoras, bem como o número insuficiente de escolas para atender à população infantil em idade escolar etc. etc.

ACÓRDO DO ENSINO BRASIL-ESTADOS UNIDOS

— Assinado por delegações do Rio Grande do Sul, do Espírito Santo e de São Paulo foi apresentado um requerimento propondo que o plenário se dirigisse ao Presidente da República em telegrama de protesto pela assinatura de um acordo entre o Brasil e os Estados Unidos. Esse acordo coloca o ensino brasileiro sob a tutela de professores norte-americanos, que terão, na capital da República um «centro-piloto» para orientar a «formação» de professores brasileiros.

Pelos termos do acordo fica o governo brasileiro obrigado a inúmeras despesas, a começar pela construção de um luxuoso edifício, no valor de 30 milhões de cruzeiros, onde funcionará o «centro-piloto».

Essas impressionantes denúncias foram ventiladas em plenário. Alguns delegados, mal interpretando a moção, pretenderam impugnar a discussão.

Nessa altura, o debate adquiriu um cunho apaixonado levando em certo momento quase à suspensão dos trabalhos.

A moção não foi aprovada, porém verifica-se pelo interesse suscitado que a maioria dos congressistas não tinham conhecimento do assunto e, dada a gravidade do mesmo, não quiz deliberar apressadamente.

Convém frisar que a delegação de Minas Gerais (116 delegadas) veio «assessorada» por duas professoras norte-americanas, que, em companhia de mais 4 formam, na capital mineira a parte de lança do deprimente acordo.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROFESSORES PÚBLICOS PRIMÁRIOS — Este foi outro ponto culminante do Congresso. Como se sabe, ainda não existe uma entidade federativa que unifique as diferentes agremiações de classe do professorado primário. Já no Primeiro Congresso foi aprovada, em princípio, a idéia de tal entidade, porém a mesma não foi concretizada porque no Segundo Congresso, — que previa, por resolução anterior, eleger uma diretoria provisória e discutir o an-

te-projeto de Estatuto — houve obstrução, segundo informaram algumas delegadas que estiveram presentes ao mesmo.

Neste III Congresso houve visível tentativa de algumas correntes, no mesmo sentido obstrucionista. Porém, para felicidade do professorado, a maioria dos representantes da classe decidiu, afinal, pela eleição imediata da diretoria provisória, que ficou constituída por elementos de São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Estado do Rio e Rio Grande do Sul.

CONFERÊNCIAS TÉCNICAS DO ENSINO

Nos intervalos das sessões plenárias foi cumprido um programa de interessantes conferências, a cargo de abalizados técnicos do Ministério de Educação e do Centro de Pesquisas do Rio Grande do Sul.

A primeira conferência foi realizada pelo professor Pascoal Leme, que discorreu sobre o tema: «O cinema e a educação». É de se destacar na palestra de S.S. o veemente apelo que fez aos congressistas no sentido de que utilizasse sua influência para desviar a juventude do cinema norte-americano, reputado pelo conferencista, como «cinema que perverte a juventude e desnacionaliza nossa cultura negando as nossas tradições».

Ao mesmo tempo, o orador chamou a assistência a prestigiar o cinema nacional, a fim de que ele se torne um poderoso fator de educação e defesa das nossas tradições.

O segundo conferencista, foi o professor Newton Dias dos Santos, cuja palestra versou sobre os meios de orientar o ensino dos Estudos Sociais e Naturais. Numa verdadeira afirmação nacionalista, S. S. ressaltou os lados positivos já atingidos pelo ensino em nossa terra. Acentuou que, no grau em que estamos, não precisamos trazer educadores de «além-mar» para servirem de orientadores da educação brasileira.

NÍTIDO CUNHO NACIONALISTA

Moções de nítido cunho nacionalista foram aprovadas pelo II Congresso de Professores Primários.

Foi decidido, assim, que o Congresso se dirija a todos os Secretários de Educação dos Estados do Brasil, sugerindo que sejam incluídos nos programas do ensino primário pontos referentes à defesa de nossas riquezas e, com especial destaque à defesa do petróleo nacional.

Foi decidido ainda que o Congresso se dirija ao Ministério da Educação, sugerindo que sejam gravadas em discos as músicas folclóricas de

Hino do Professor Primário LILA RIPOLL

Esta letra foi composta pela poetisa LILA RIPOLL — a pedido para o Hino do III Congresso Nacional de professores primários, aqui recentemente realizado. A música é de autoria do compositor NATHO HENN. O Hino foi adotado oficialmente, no referido Congresso.

*Sob o céu, nós semeamos esperanças,
na batalha que é o pão de cada dia,
Se sofremos, ninguém deve saber —
que ensinar, se traduz por alegria.*

*O mundo da criança nos aguarda,
e ele é o futuro a nos chamar.
Em torno desse mundo nos unimos
e ninguém nossa união deve quebrar*

*Criança do Brasil — és tu que animas
de poesia e amor o nosso ideal.
O caminho é de rosas e de espinhos,
mas ficas junto a nós — anjo real.*

ESTRIBILHO

*Conta o sol, a chuva desce,
a escola está à nossa espera
A ela nós nos prendemos
como às paredes — a herança.*

todos os Estados e distribuída em coleção às escolas de todo o país para serem ouvidas pelas crianças.

Além disso, coincidindo com os trabalhos do Congresso, a visita do Cel. Janary Nunes a nosso Estado, foi designada uma comissão para receber no aeroporto o presidente da Petrobrás, e ainda para apresentar-lhe as despedidas quando de seu regresso ao Rio.

Outro acontecimento importante, foi a visita ao Congresso dos Professores Primários, de uma comissão de tricultores especialmente designada pelo VII Congresso Nacional dos Tricultores, e que ali foi levar sua solidariedade ao conclave.

DIA NACIONAL DO DESARMAMENTO NAS ESCOLAS

A delegação de São Paulo informou ao plenário de que naquele Estado foi instituído e está sendo comemorado o Dia do Desarmamento nas Escolas sob o patrocínio da Secretaria de Educação. Em vista disso, o Congresso aprovou moção pela qual será enviada ao Ministério da Educação o pedido de que seja instituído em todo o país o «Dia Nacional de Desarmamento Escolar».

Nesse dia, diversos programas educativos serão cumpridos nas escolas, desde a destruição simbólica dos brinquedos de guerra até as pequenas encenações em torno da paz.

APELO DE COMBATE AO ANALFABETISMO

Com o nome de Apelo de Porto Alegre — local do Congresso — foi redigido importante e eloquentemente manifesto ao país e ao povo, conclamando a fazer do ano de 1958 o Ano da Educação em todos os Estados e Cidades. Damos em separado, nesta mesma página, a íntegra deste documento.

HINO DO PROFESSOR PRIMÁRIO

Teve grande sucesso, sendo entoado em coro pelo plenário, o hino do Congresso, música de Natho Henn e letra

da poetisa-professora Lila Ripoll. Em outro local desta página transcrevemos a letra do referido hino.

CONFRATERNIZAÇÃO E UNIDADE

Mas o Congresso foi sobretudo, um hino à amizade e unidade entre representantes de 15 delegações estaduais da nobre classe do professorado. Se os debates foram acalorados, nem por isso deixaram de estar unidas por sincera amizade em todos os intervalos das sessões. No churrasco promovido pelo prefeito de Porto Alegre em homenagem às delegadas; na recepção em Palácio com o Governador Meneghetti; no passeio pelo rio Guaíba, nas visitas às escolas Estaduais e Municipais, na viagem-excursão a Caxias do Sul — Em todos esses momentos as professoras (e alguns professores) fizeram justiça, apesar da maciça maioria feminina) constituíram uma só família de irmãos interessados em conhecer-se mutuamente e em fazer amizade uns com os outros. Além disso, embora ainda desta vez não tivesse o Congresso tomado decisão alguma sobre salários e vencimentos, foi traduzida nos debates a imensa preocupação com o problema das professoras e professores rurais, geralmente a serviço do município e sujeitos na maioria dos casos a galários de fome. Verificou-se, por exemplo, que em municípios de Pernambuco, há professores percebendo salários de Cr\$ 1.000,00 nesta época de carestia! Aliás, como temos divulgado, tais fatos acontecem também em municípios gaúchos, como São Gabriel, por exemplo.

Em conclusão, verifica-se que os professores primários forjaram sólida amizade e tomaram importantes decisões com o seu Congresso Nacional. O próximo Congresso que, segundo decisão aprovada será em Recife, apresentará um professorado primário mais do que nunca conscientemente organizado e em ação por suas reivindicações e em defesa do ensino — é o que se pode afirmar com as perspectivas abertas pelo vitorioso e magnífico III Congresso Nacional dos Professores Primários.

CONTRA O ANALFABETISMO

Apelo de Porto Alegre

AO PAÍS, AO POVO!

Reunidos em Porto Alegre, no III Congresso Nacional de Professores Primários, dirigimos ao povo de todo o país este apelo.

Reunamos todas as nossas forças na luta contra o analfabetismo.

Abramos escolas para todas as crianças que não sabem ler.

Façamos também do pão escolar um dos princípios da escola primária brasileira. A cartilha caminha bem quando apoiada pela alimentação.

Professores de todos os graus.

Cientistas e artistas.

País,

Autoridades,

Trabalhadores de todas as categorias,

Associações de todo o país,

façamos desta campanha a grande campanha nacional de 1958.

Organizemos Comissões de Ano da Educação em todos os Estados e Cidades.

Abramos escolas. Construamos mais prédios. Tenhamos iniciativas simples mas eficientes, que estimulem as aptidões da criança.

Estimulemos também o professor, protejamos a educação.

Conclamamos a todos que levern o Apelo de Porto Alegre a todas as cidades e recantos do país.

PORTO ALEGRE, 18 de JANEIRO DE 1958.
A MESA DO III CONGRESSO NACIONAL DE PROFESSORES PRIMÁRIOS

Fiscais Populares Para a Defesa Da Economia do Povo Capixaba

NOMEADOS PELA ASSOCIAÇÃO PRÓ-MELHORAMENTO DE VITÓRIA E CREDENCIADOS PELA COAP LOCAL, OS FISCALIS POPULARES PÕEM FREIOS AOS AÇOUGUEIROS GANANCIOSOS

VITÓRIA (Do Correspondente) — O povo capixaba está sustentando uma dura luta contra o aumento ilegal do preço da carne verde, nesta capital. Os açougueiros se desesperam com a vigilância popular e baseada na posição dúbia da COAP, tentam manter os preços altos, elevados arbitrariamente.

Nada menos de 60 fiscais populares, indicados pela Associação de Melhoramentos de Vitória e devidamente credenciados pela COAP, desenvolvem um combate tenaz ao roubo que se faz nos açougues, valentemente, debate de uma terrível onda de ameaças, do que é exemplo o que recentemente aconteceu em Paul:

Dias após ter sido apanhado em flagrante vendendo ilegalmente a carne ao preço de 35 cruzeiros, o açougueiro Armando ameaçou de morte aos fiscais populares. O "recado" foi transmitido ao fiscal popular Sebastião Souza pelo sr. João, empregado do açougue, ao que tudo indica, a mando do patrão.

Comenta-se que também em Vila Velha, um açougueiro por nome Santos prometeu "vazar" na faca ao fiscal que se metesse a fiscalizar o seu açougue.

Tudo isto acontece ante a

indiferença da COAP, que praticamente nada faz, nenhuma providência toma, muito embora conte no momento com o decidido apoio da população.

Aliás, qualquer que se disponha a conversar com os carneiros, ouvirá destes, a afirmação de que o sr. Calixto Freire, presidente do órgão controlador dos preços, "joga com pau de dois bicos". Autoriza-os a cobrar acima do preço tabelado e depois apela para a ação dos fiscais.

A ação dos fiscais, porém, é inegável, tem atingido em grande parte o seu objetivo: defender a bolsa da população.

A luta prossegue, e, temos certeza, chegará ao seu final vitoriosa: o aumento ilegal será derrotado.

Que os fiscais prossigam a sua missão, que é fiscalizar, unicamente fiscalizar. Se o seu Armando ou outro açougueiro quer brigar, que seja chamada a polícia. A esta está afeto o problema.

No entanto, como perdure a ameaça, achamos que a COAP, a não ser que queira ver arrazado o que lhe resta de força e autoridade, deve tomar as necessárias providências no sentido da segurança física e mesmo moral dos fiscais populares.

Em Vitória do Espírito Santo:

CONVOCADA A CONVENÇÃO GERAL DOS BAIRROS

VITÓRIA. (Do Correspondente) A Associação Pró Melhoramento dos Bairros de Vitória, acaba de convocar uma Convenção Geral dos Bairros, em Manifesto lançado à população e assinado por inúmeras personalidades locais.

Em seu Manifesto diz a Associação: «Problemas existem que há muito deviam ser enfrentados e resolvidos, entre os quais se destacam o da energia elétrica e da água, do calçamento das ruas, do abastecimento e dos preços, do saneamento e do socorro médico urgente, dos transportes, dos telefones públicos e da urbanização dos morros e favelas, além de outros que preocupam seriamente aos moradores da capital e dos municípios vizinhos.»

O manifesto de convocação convida a população da capital capixaba a realizar assembleias nos bairros para debaterem os seus problemas e elegerem os seus delegados à Convenção a realizar-se em data que será brevemente fixada.

Acrescenta ainda o manifesto que a Convenção não tem caráter político partidário, nem eleitoral e convida a que dela participem as organizações políticas, esportivas, sociais, recreativas, etc., bem como personalidades que se dispõem a colaborar para o bem-estar público.

Pró Salário - Mínimo

IMPORTANTE ASSEMBLÉIA NO DIA 26 DO CORRENTE. COMOVIDA PELA ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DOS TRABALHADORES EM MARCENARIA, SERRARIAS E ANEXOS, EM COLATINA, NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA. (Do Correspondente) — Promovida pela Associação Profissional dos Trabalhadores farão uma verbenária e Anexos desta cidade, realiar-se-á no próximo dia 26. Importante assembleia de trabalhadores.

Entre outros pontos a serem discutidos na reunião, o novo nível de salário constitui-se no assunto central. Os trabalhadores farão uma verdadeira análise da atual situação econômica do município, preços das utilidades de uso mais comum, gêneros alimentícios etc., tendo em vista interferirem diretamente na questão salarial.

Também a previdência social a criação de uma Junta de Conciliação e Julgamento em Colatina e estatuto-padrão dos Sindicatos, serão debatidos.

Conta-se como certa, a presença de uma expressiva caravana de Vitória, integrada por dirigentes sindicais dos ferroviários, construção civil e outras categorias profissionais.

As mais diversas formas de propaganda, têm sido usadas na divulgação da Assembleia do próximo dia vinte e seis.

Dado a importância dos assuntos a serem debatidos, prevê-se que o número de trabalhadores presentes à Assembleia, será o maior até então conseguido em Assembleias promovidas pela Associação dos Trabalhadores de Colatina.



CRIARAM-SE NOVAS...

(CONCLUSÃO)

O contraste entre as duas políticas, a dos países socialistas encabeçados pela União Soviética, e a dos Estados Unidos, torna-se também evidente, quando vemos ao lado das condições, onerosas impostas pelos imperialistas lanques ao nosso povo, quando concedem empréstimos e «ajudam» o Brasil, assim, as restrições à industrialização do país e ao desenvolvimento da Petrobrás e de outras empresas estatais, as propostas ultimamente feitas ao governo do Brasil, pela União Soviética, que se dispõe a fornecer o que necessitamos para desenvolver nossa economia: desde centrais atômicas, refinarias, sondas, petróleo, máquinas e etc., até petroleiros e demais implementos e maquinaria destinadas ao melhoramento do transporte e da agricultura de nosso país. Neste sentido, são recentes as palavras do camarada Kruschiov, na entrevista que concedeu aos jornalistas brasileiros Vittorio Martorelli e Tito Fleury. Disse Kruschiov que:

«...a União Soviética, como país industrial altamente desenvolvido e grande exportador de maquinaria e de instalações a muitos países, naturalmente poderia vender ao Brasil os tipos de máquinas e instalações que lhe interessam, em particular maquinaria para perfuração de poços de petróleo, refinarias de petróleo, instalações elétrico-energéticas, tornos, máquinas para construção de estradas, diferentes aparelhos e instrumentos, meios de transporte incluídos navios para o transporte de petróleo, automóveis, etc. A União Soviética também poderia vender ao Brasil mercadorias como produtos de petróleo, cimento, metais, papel, celulose, corantes, produtos químicos e outros.»

Enquanto os Estados Unidos manobram no mercado do café, diminuem sua importação visando impor preços monopolistas, aí estão as propostas da República Popular da Polônia e da República Popular da Checoslováquia, tendo em vista triplicar o valor das trocas comerciais em 1.958 em relação a 1.957. E, enquanto as migalhas que possam oferecer os imperialistas dos Estados Unidos, vêm sempre acompanhadas de exigências que objetivam abocanhar o petróleo brasileiro e outras riquezas naturais do país, assim como, de imposições que visam paralisar o processo de emancipação econômica da nação brasileira e a atar, mais e mais, o Brasil ao carro da política de preparação para a guerra que pretendem desencadear, todas as propostas da União Soviética e dos países socialistas são feitas sem exigências de qualquer espécie que não seja apenas o mútuo benefício.

—o—

Como se vê, surgiu no mundo uma nova e poderosa força — o enorme potencial econômico dos países socialistas — que colocada, como está, a serviço da causa da paz e do progresso dos povos, criou novas perspectivas à toda a humanidade e, principalmente, para os povos que lutam para alcançar a completa independência econômica e política. Ficou para trás o tempo em que os imperialistas podiam ditar suas leis aos países coloniais, semi-coloniais e dependentes, em que esses países não tinham outra alternativa que viver submetidos a uma ou outra metrópole. Vivemos numa época quando objetivamente uniram-se ao movimento socialista, os movimentos de libertação nacional dos povos ainda oprimidos, assim como, o mais amplo movimento dos povos pela manutenção da paz que a história conhece. Constituiu-se uma ampla frente única antiimperialista de âmbito mundial que, tendo a frente a União Soviética, abrange não só os demais países socialistas, como também, todos aqueles países e povos que lutam contra o jugo do opressor estrangeiro e para conquistar a total emancipação econômica, política e cultural. Agora, desagrega-se a olhos vistos, o sistema colonial do imperialismo e os «catrazados» contam, na luta contra a dominação imperialista, não só com o apoio moral mas também com um poderoso apoio material que facilita obter a vitória nessa luta. Al estão os exemplos da Índia, do Egito, da Síria, da Indonésia e de outros países dos continentes asiático e africano.

O povo brasileiro começa a compreender a situação. Cresce por isso mesmo o clamor popular pelo reatamento das relações diplomáticas, comerciais e culturais, com a União Soviética e pela ampliação dessas relações com todos os países do campo socialista. E neste sentido que marcham os acontecimentos. Nosso povo ingressou na era em que os homens soviéticos conquistam o espaço cósmico, com novas perspectivas e possibilidades de vitória.

Rio, 20 de Janeiro de 1.958

Livros e Revistas

Editorial Vitória Ltda.

(Nosso Cartaz Para Hoje)

	Cr\$
1ª — China Sem Muralhas (JUREMA YARY FINAMOUR)	120,00
2ª — A China de Hoje — I e II vols. (OSNY DUARTE PEREIRA) (cada) ..	90,00
3ª — Ainda Sobre a Experiência Histórica (NOTA DO JIN-MIN-PAO)	20,00

PUBLICAÇÕES EM INGLÊS (LITERATURA)

1ª — The Hurricane (CHOU LI-PO)	200,00
2ª — Village Sketches (CHIN CHAO-YANG)	50,00
3ª — A Thousand Miles of Lovely Land (YANG SHUO)	50,00
4ª — Socialist Upsurge in China's Countryside (SELEÇÃO DE 44 ARTS.) ..	200,00
5ª — From Opium War to Liberation (ISRAEL EPSTEIN)	100,00
6ª — Handbook on People's China	100,00

(REVISTAS ILUSTRADAS EM INGLÊS)

1ª — People's China (NÚMEROS DE 1956-57)	15,00
2ª — Women of China (NÚMEROS DE 1956-57)	15,00
3ª — China Reconstructs (NÚMEROS DE 1956-57)	15,00
4ª — China Pictorial (NÚMEROS DE 1956)	25,00

REVISTAS ILUSTRADAS EM CASTELIANO

1ª — China Ilustrada (NÚMEROS DE 1956-57)	20,00
2ª — Cartões Postais (A 25,00 cada)	25,00
3ª — Revistas U.R.S.S. (NÚMEROS DE 1956-57)	5,00

EDITORIAL VITÓRIA LTDA (Rua Juan Pablo Duarte, 50 — Sobrado)

(Atende-se pelo Reembolso) Tel. 22-1613

VOZ OPERÁRIA

Diretor
Mário Alves
MATRIZ:
Av. Rio Branco, 257, 17.
and. s/ 1.712 - Tel.: 42-7344
ASSINATURAS:
Anual 150,00
Semestral 80,00
Trimestral 60,00
Núm. avulso 3,00
Núm. atrasado 5,00
Área ou sob registro, despesas à parte:
SUCURSAL
PORTO ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria, n.º 66, s/ 43.

READMITIDOS FERROVIÁRIOS DA LEOPOLDINA

SIGNIFICATIVA VITÓRIA DO SINDICATO — IMPORTANTE ASSEMBLÉIA COM A PRESENÇA DO VICE-PRESIDENTE DA REDE FERROVIÁRIA FEDERAL S/A — A QUESTÃO DO SALÁRIO MÍNIMO DOS FERROVIÁRIOS

VITÓRIA (Do Correspondente) Em grande assembleia realizada recentemente na sede do Sindicato dos Ferroviários, desta capital, o sr. Romulo de Almeida, vice-presidente da Rede Ferroviária Federal S/A, comunicou aos trabalhadores a decisão do Presidente da República que autorizou a reintegração dos vinte servidores da Estrada de Ferro Leopoldina, dispensados por ocasião da greve de 1954, pelo pagamento do salário-mínimo.

Esta comunicação foi recebida com alegria pelos ferroviários, pois entre as suas reivindicações, apresentadas à direção da Estrada de Ferro, estava em primeiro lugar a reintegração daqueles companheiros injustamente punidos. Os ferroviários consideram essa medida do governo federal, muito justamente, como uma vitória da sua luta, tendo a frente o seu sindicato.

Outras importantes questões foram objeto de debate na referida assembleia, tais como: repouso remunerado, licença prêmio, salário-mínimo, etc. Quanto a questão do salário-mínimo, o sr. Sinval Palmeira, advogado dos ferroviários, informou que o processo segue seu curso normal na Justiça do Trabalho e espera-se que seja o mesmo resolvido favoravelmente aos trabalhadores.

A Diferença de Regimes Não é Obstáculo

Aumentaram de Sete Vezes os Negócios Entre o Brasil e a Tchecoslováquia

Dois bilhões e trezentos milhões de cruzeiros, o valor das trocas comerciais em 1956 — A Tchecoslováquia é o maior comprador de couros do Brasil, e o 4º entre os compradores de minério de ferro e cacau — O café ocupa o 1º lugar na lista de nossas exportações para aquele país — Máquinas ferramentas, motores Diesel, geradores, produtos semi-acabados de ferro e aço, etc., nos são fornecidos pela indústria tcheca

Reportagem de FRAGMON CARLOS BORGES

O intercâmbio comercial entre o Brasil e a Tchecoslováquia vem-se desenvolvendo em ritmo surpreendente nesses últimos anos. Países de economias complementares, o Brasil tem-se revelado um bom mercado fornecedor de matérias primas, como algodão, cacau, café, açúcar, couros e minério de ferro, enquanto a Tchecoslováquia, país altamente industrializado, vem contribuindo com parcela importante das importações brasileiras de máquinas e equipamentos para o desenvolvimento industrial do país e mecanização de sua agricultura.

AUMENTARAM DE SETE VEZES

As trocas comerciais entre os dois países, nos últimos quatro anos — de 1953 a 1956 — aumentaram de sete vezes. De 334 milhões de cruzeiros, em 1953, passaram para dois bilhões e 300 milhões de cruzeiros, em 1956. O quadro abaixo mostra a evolução das trocas comerciais entre os dois países, naqueles anos:

VALOR GLOBAL DAS TROCAS COMERCIAIS

Ano	(em Cr\$ 1.000)
1953	334.739
1954	836.643
1955	1.915.000
1956	2.288.733

Nos oito primeiros meses de 1957, as trocas entre os dois países já tinham alcançado a soma global de 29 milhões e 152 mil dólares, contra 43 milhões de dólares em todo o ano anterior. É provável que em todo o ano passado, o valor global das trocas tenha ultrapassado o correspondente ao ano de 1956.

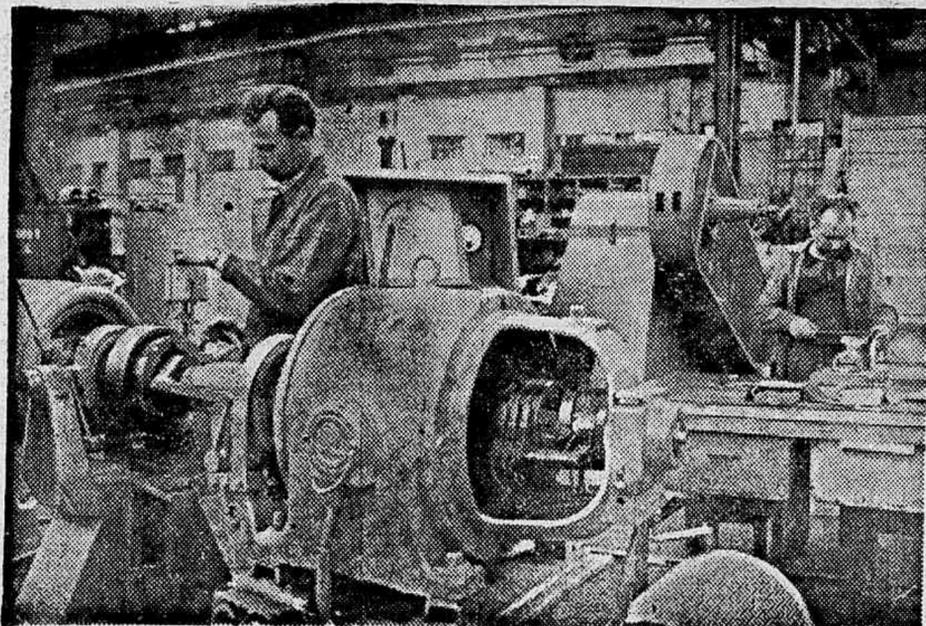
AS NOSSAS EXPORTAÇÕES

As exportações brasileiras para a Tchecoslováquia, que se constituem principalmente de matérias primas e produtos agrícolas, quadruplicaram nos últimos quatro anos — de 1953 a 1956 —, quanto ao seu valor, representando 2 bilhões e 214 milhões de cruzeiros. Em 1953, as nossas exportações para aquele país socialista, representavam apenas 0,56% do valor total das exportações brasileiras; em 1956, essa porcentagem foi elevada para 1,37%. O quadro abaixo ilustra bem o desenvolvimento de nossas exportações para a Tchecoslováquia:

EXPORTAÇÕES PARA TCHECOSLOVÁQUIA

Ano	Valor em Cr\$ 1.000	% s/total
1953	182.436	0,56
1954	347.619	0,76
1955	855.842	1,51
1956	838.320	1,37

Nos oito primeiros meses de ano passado, as nossas exportações para aquele país já representavam 1,36% do valor global das exportações brasileiras.



Motores como este, de elevadas qualidades técnicas, tem sido fornecidos ao Brasil, pela moderna indústria tcheca

O QUE EXPORTAMOS

Como já dissemos, o Brasil exporta principalmente produtos agrícolas e matérias primas em geral. O café tem representado, até agora, o produto de maior exportação para aquele país socialista, seguido de perto pelo cacau, algodão e couros. As compras de café brasileiro, pela Tchecoslováquia, no entanto, representam apenas um por cento de nossas exportações globais daquele produto. O mesmo, porém, não se dá com o cacau e couros. A Tchecoslováquia ocupa o quar-

to lugar entre os compradores do cacau brasileiro, e o primeiro entre os de couros. Além disso, tem crescido as compras tchecas de algodão e minério de ferro. Quanto a este último, a Tchecoslováquia ocupa o quarto lugar entre os compradores estrangeiros. Aquela país socialista importa também, do Brasil açúcar, sementes oleaginosas e outros produtos.

O quadro que damos a seguir, mostra-nos os valores correspondentes às principais importações tchecas de nosso país:

PRINCIPAIS MERCADORIAS BRASILEIRAS IMPORTADAS PELA TCHECOSLOVÁQUIA

Mercadorias	1954	1955	1956
Algodão	31.098	91.371	105.989
Cacau	87.943	240.296	103.080
Café	105.069	176.650	272.033
Couros	54.730	62.232	116.885
Minério de Ferro	54.489	120.675	48.174

AS NOSSAS IMPORTAÇÕES

As compras brasileiras de produtos tchecoslovacos aumentaram de oito vezes, quanto ao seu valor, nos últimos quatro anos de 1953 a 1956, representando o valor global de 5 bilhões e 160 milhões de cruzeiros. Em 1953 as nossas importações daquele país correspondiam a apenas 0,58% do valor total de nossas compras no estrangeiro; em 1956, aquela porcentagem subiu para 1,84%. A evolução de nossas compras naquele país, em ritmo crescente, está expressa no quadro abaixo:

IMPORTAÇÃO BRASILEIRA DA TCHECOSLOVÁQUIA

Ano	Valor em Cr\$ 1.000	% s/o total
1953	152.303	0,58
1954	489.027	0,82
1955	1.059.164	1,63
1956	1.460.413	1,84

Durante os oito primeiros meses do ano passado, as nossas compras à Tchecoslováquia já representavam 1,41% do valor global das importações brasileiras.

O QUE IMPORTAMOS

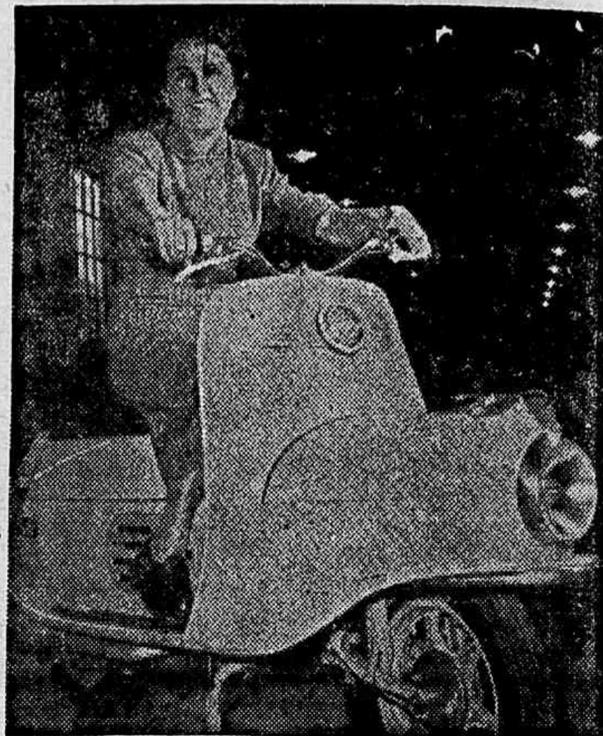
Um terço das importações brasileiras da Tchecoslováquia é constituído de maquinaria de todos os tipos es-

pecialmente de máquinas ferramentas, motores Diesel e geradores; outra terça parte é representada por produtos semi-acabados de ferro e aço; e o restante, por produtos químicos, farmacêuticos, malte, semi-produtos de linho, etc.

Como vemos, as exportações tchecas para o Brasil são constituídas fundamentalmente de produtos básicos necessários à industrialização de nossa pátria e à mecanização de sua agricultura. Enquanto exportamos para aquele país os nossos produtos agrícolas e matérias primas, lá, adquirimos produtos industriais que têm contribuído para o desenvolvimento econômico do Brasil.

É muito importante o papel ocupado pela Tchecoslováquia no conjunto das importações brasileiras de produtos básicos. Aquela país figura como o maior fornecedor, ao Brasil, de ferro não laminado, de arame de ferro e aço, de tornos; e segundo fornecedor de arame farpado, de motores e geradores Diesel e de malte; e o terceiro maior fornecedor de alumínio, de tubos, de moinhos.

Tudo isto pode ser melhor compreendido, através de um estudo comparativo dos elementos estatísticos do quadro abaixo e os correspondentes às importações globais do Brasil dos mesmos produtos.



Laboratório tcheco

PRINCIPAIS PRODUTOS IMPORTADOS PELO BRASIL DA TCHECOSLOVÁQUIA

ESPECIFICAÇÃO	VALOR (Cr\$ 1.000)		
	1954	1955	1956
Alumínio e suas ligas, em lingotes, linguados e pás	—	—	45.219
Arame farpado	—	24.510	68.042
Automóveis para passageiros	7.441	8.650	27.095
Barras e vergalhões de ferro e aço, especiais para ferramentas	43.868	51.655	17.696
Chapas e lâminas de ferro e aço	2.481	19.290	34.593
Ferramentas para toronar e prensar matrizes, tarraças e outras ferramentas com fios ou superfícies de metal, diamantes, carburetos metálicos e abrasivos	3.264	12.984	54.676
Fio ou arame, de ferro e aço exclusive arame farpado	13.261	76.969	50.106
Geradores elétricos e semelhantes conjugados a motores de combustão interna	8.387	17.071	9.062
Linho em fio, para tecelagem ou cordoalha	—	3.532	25.971
Lúpulo	5.088	11.783	32.698
Malte ou cevada torrefada	62.749	107.465	147.571
Máquinas-ferramentas para metais seus pertences e acessórios	35.129	68.275	164.703
Moinhos e outras máquinas para beneficiamento de cereais e produtos agrícolas	2.518	8.565	20.895
Motores estacionários diesel e semi-diesel	12.243	42.699	34.526
Motores de combustão interna, não especificados	2.036	9.378	28.525
Tratores de rodas, exclusive a vapor	18.795	59.982	9.035
Tubos, canos e seus acessórios de ferro e aço	26.636	42.883	36.529

POSSIBILIDADES DE MAIORES NEGÓCIOS

Como vimos, desenvolvem-se em ritmo crescente as trocas comerciais entre o Brasil e a Tchecoslováquia. O volume e valor globais alcançados por essas trocas, porém, estão muito longe de representar todas as possibilidades de comércio existente entre os dois países. Não foram ainda utilizadas, pelo Brasil, todas as possibilidades existentes na Tchecoslováquia como mercado consumidor dos produtos brasileiros de exportação, da mesma forma que ainda não esgotamos as possibilidades que tem aquele país socialista de nos fornecer máquinas e equipamentos dos mais diversos tipos, na base de financiamento a longo prazo e que viriam contribuir para apres-

sar de nossa industrialização. A Tchecoslováquia está grandemente interessada em aumentar as trocas comerciais com o Brasil. Ela deseja e precisa consumir maior quantidade de produtos brasileiros, como café, cacau, algodão, etc. Para isso, entre outros, é indispensável que o Brasil também aumente, na mesma proporção, as suas compras naquele país.

Recentemente a Tchecoslováquia encaminhou ao Brasil diversas propostas para a venda financiada de equipamentos completos, como usinas hidroelétricas, termoeletricas, instalações frigoríficas, matadouros e fábricas de cimento. Tais financiamentos são, geralmente, de três a nove anos, a juros quase sempre inferiores a 6%.